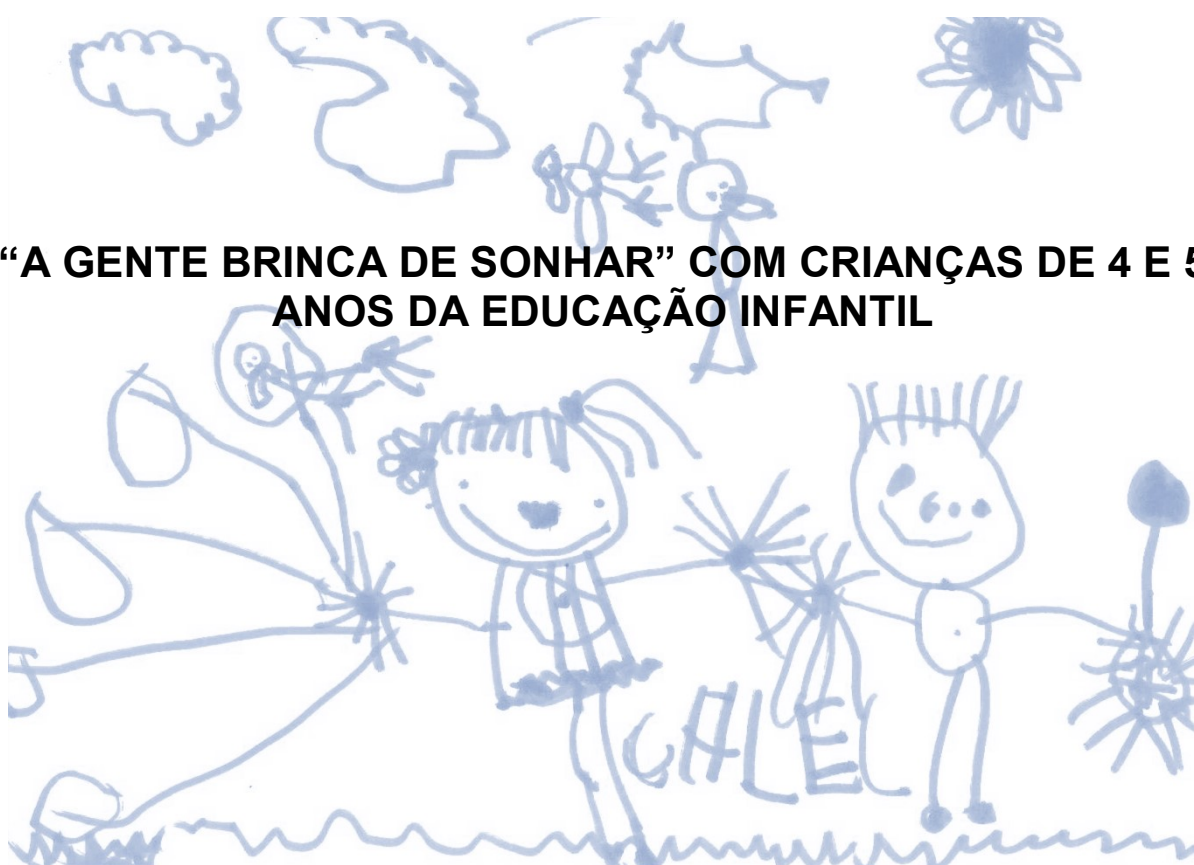


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA  
NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**Franciele Grade da Luz**

**“A GENTE BRINCA DE SONHAR” COM CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**



Ijuí, RS, Brasil  
2016

**Franciele Grade da Luz**

**“A GENTE BRINCA DE SONHAR” COM CRIANÇAS DE 4 E 5  
ANOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, Área de Concentração em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Infantil**.

Orientadoras: Prof<sup>a</sup> Camila Borges dos Santos  
Prof<sup>a</sup> Cândice Moura Lorenzoni

Santa Maria, RS, Brasil  
2016

**Franciele Grade da Luz**

**“A GENTE BRINCA DE SONHAR” COM CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, Área de Concentração em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Infantil**.

**Aprovado em setembro de 2016:**

---

**Prof<sup>a</sup> Camila Borges dos Santos (UFSM)**  
(Orientadora)

---

**Prof<sup>a</sup> Cândice Moura Lorenzoni (UFSM)**  
(Orientadora)

---

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Roseane Martins Coelho**

## RESUMO

### “A GENTE BRINCA DE SONHAR” COM CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

AUTORA: Franciele Grade da Luz  
ORIENTADORAS: Camila Borges dos Santos  
Cândice Moura Lorenzoni

“A gente brinca de sonhar” Com crianças de 4 e 5 anos da Educação Infantil, surgiu da curiosidade em saber como o brincar livre esta sendo visto na Educação Infantil deste município. Com meus questionamentos a respeito deste assunto, meu caderno embaixo do braço e meus apetrechos para registro, parti para as observações em turmas de Educação Infantil, realizando pesquisa de campo, fiz um recorte da realidade encontrada com suas peculiaridades e curiosidades. Questiono aqui a abrangência do brincar espontâneo, como esta sendo visto e qual sua importância no cotidiano dessas escolas. Foram esses pensamentos na cachola, que me levaram a aprofundar os estudos nesse assunto. Nessa caminhada busquei compreender ainda mais essa necessidade da brincadeira criativa e espontânea na vida desses pequenos sujeitos sociais, e o papel do professor frente a esse brincar. Percebi que o brincar livre esta perdendo espaço, tempo e força no dia a dia das crianças, tendo uma posição menos nobre no planejamento do professor e deixando de fazer parte do currículo da Educação Infantil como deveria. Com um brincar espontâneo, com utilização de diferentes objetos (materiais não estruturados, orgânicos), em um ambiente provocador, ele pode ser compreendido como uma experiência interna, de maneira inteira e plena pelo sujeito. É brincando que se consegue aprender o que é preciso para se viver. E então, vamos resgatar a infância que ainda vive em nós? Olhar com o mais aguçado olho e talvez até participar dessa brincadeira?! Possibilitando às crianças viverem a plenitude de sua infância.

**Palavras-chave:** Brincar livre. Criança. Escola.

## **ABSTRACT**

### **“THE DREAM TOYS OF PEOPLE” WITH CHILDREN 4 AND 5 YEARS OF CHILDHOOD EDUCATION**

**AUTHOR:** Franciele Grade da Luz  
**ADVISORS:** Camila Borges dos Santos  
Cândice Moura Lorenzoni

"We play to dream" with children aged 4 and 5 years old of kindergarten, came from the curiosity in how the freeform play is being seen in kindergarten in this municipality. With my questions on this subject, my notebook under my arm and my paraphernalia record, I went to the observations in kindergarten groups, conducting field research, made a cut of reality found with their peculiarities and curiosities. Question here the scope of spontaneous play, as it is seen and what its importance in the daily lives of these schools. These were thoughts in my head, which led me to further study on this subject. On this journey, I tried to understand even more the need of creative and spontaneous play in the lives of small social subjects, and the role of the teacher in front of this play. I realized that the freeform play is losing space, time, and force on the day of children, having a less noble position on teacher planning, and cease to form part of the kindergarten curriculum, as it should. With a spontaneous play, using different objects (unstructured materials, organic) in a provocative atmosphere, it can be understood as an internal experience, in a whole and complete way by the subject. It is playing that if you can learn what it takes to live. Then will we rescue the child who still lives in us? Look with the keenest eye and perhaps even participate in this joke?! Allowing children to live the fullness of her childhood.

**Keywords:** Freeform play. Child. School.

## COISÁRIO

<b>1 ERA UMA VEZ.....</b>	<b>6</b>
<b>2 PONTO DE PARTIDA.....</b>	<b>11</b>
<b>3 DO COMEÇO ENTÃO: DA CHEGADA ÀS ESCOLAS .....</b>	<b>18</b>
<b>4 CONHECENDO OS ESPAÇOS DE PESQUISA: AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO.....</b>	<b>21</b>
4.1 “TU VEIO PRA BRINCAR COM A GENTE?!”: CONTANDO COMO FORAM AS VISITAS NAS TURMAS .....	24
<b>5 UM MOMENTO “DOÍDO”: AS ENTREVISTAS .....</b>	<b>38</b>
<b>6 ANALISANDO OS DADOS COLETADOS: CONVERSANDO COM A SENHORA TEORIA .....</b>	<b>40</b>
<b>7 O FINAL. SÓ QUE NÃO .....</b>	<b>52</b>
<b>8 LISTAGEM DAS FONTES CONSULTADAS: REFERÊNCIAS .....</b>	<b>59</b>



“Brincar é a mais elevada forma de pesquisa”  
Albert Einstein

## 1 ERA UMA VEZ...

Em uma cidade de interior, uma garotinha, muito tímida, quieta, meio magrelinha, um tanto medrosa, mas também um tantinho assim curiosa, que gostava de se sujar escorregando nos barrancos de terra vermelha ou fazendo deliciosas comidas e sobremesas de barro.

Divertia-se subindo nos galhos das árvores, andando de bicicleta o mais rápido que podia, escorregando na grama molhada da chuva que acabara de cair. Colhia morangos e cenouras na horta. Andava com os cabelos ao vento, cheios de nós. Brincava em meio às árvores de frutas, com as folhas caídas, os galhos do chão se tornavam cobertura de casinha e as frutas ainda verdes, com quatro gravetos e uma imaginação fértil, se tornavam boizinhos de sua fazenda.

O tempo foi passando e ela teve que ir para a escola. Lá ela fez muitos amigos, e conheceu coisas que sua vida interiorana não permitiria saber. Ao se tornar uma juvenzinha, ainda não sabia direito o que iria fazer quando crescesse... Mas uma coisa sabia, queria fazer algo que gostasse!

Esta jovem, com gosto pelos estudos e dedicada, aos poucos foi descobrindo sua vocação, que mal sabia ela, que era isso mesmo que gostava de fazer.

Ainda na escola, no ensino fundamental, já demonstrava gosto pela profissão, pois era a ajudante das professoras das turmas de pré-escola, 1º e 2º ano no turno inverso ao que ia às aulas, embora não tivesse formação adequada ainda. Pois bem, com o tempo foi aprendendo muita coisa e se encantando cada vez mais por crianças e suas aprendizagens. E foi assim que ela tomou a decisão de estudar para se tornar uma professora. A partir deste momento de sua vida, e de suas escolhas, voltou-se aos estudos e buscou com muita dificuldade, seu tão querido sonho! Começou estudando em uma escola de ensino médio, que tinha magistério. As primeiras práticas em sala de aula vieram e a se animar ela começou. Gostou tanto dessa história que a cada vez fazia melhor.

Depois veio a graduação e esta jovem determinada estava, e continuou sua busca. Lia muita coisa, muitos autores e pensadores. Lia histórias para as crianças, se tornava uma bruxa, com capa e narigão e de fada também se vestia. Brincadeiras no pátio com as crianças, também fazia, escrevia com giz no quadro,

mas também desenhava no chão. Pulava amarelinha e elástico. O que não sabia, as crianças ensinavam. Assim o tempo foi passando, se divertindo e estudando. Pulando e escrevendo. Cantarolando e aprendendo. Colecionando elogios e encantos das crianças.

Bom, é chegada a hora do “canudo” receber, a formatura era um charme, a família orgulhosa chorou de emoção, pois era a primeira a ter grau de formação. Os amigos estavam contentes por comemorarem junto a ela. Depois de jogar o chapéu para o alto, era a vez de festejar.

Agora depois de formada tinha que trabalhar, e foi o que fez, a jovem garota com seu sonho e seu diploma se pôs a procurar e tanto fez que foi trabalhar em uma escola desse mesmo município, com crianças de 2 e 3 anos de idade. Entre cuidar e educar se revezou por um ano. Neste período muita coisa aprendeu, iniciou sua carreira que tanto esperou. Conheceu pessoas novas, alguns, amigos até hoje, outras passaram e nem respingos deixaram.

Mais tarde conheceu uma outra escola. Escola essa encantadora, cheia de coisas novas para aprender, muitos desafios, crianças de várias idades, aprendeu o quão as crianças fazem leitura de mundo e como isso transforma a relação que se tem com o conhecimento. Tornou-se uma professora mais sensível, com um olhar diferenciado, mais crítico e menos metódico. Por lá vários anos ficou. Apegou-se, mudou, melhorou, aprendeu, reconheceu, pintou, coloriu, se sujou, se molhou, caiu, levantou, buscou, enfim, lá ela cresceu e se tornou uma profissional. Profissional esta que muito carinho ganhou, muitos conquistou, outros adaptou, segurou no colo, secou lágrimas, deu seu sorriso meigo, sua paciência, sua alegria. Seu encorajamento era tamanho, que desenvolveu um sentimento com as crianças que lá nessa escola passaram. Afeto, e com dedicação aprendeu dia a dia o que é ser professora. Com amor e muito estudo, desenvolvia seu trabalho com criatividade, alegria e empenho.

Na escola, o trabalho ia muito bem, brincadeiras a mil com as crianças, quanto mais ela brincava, mais as crianças gostavam. Resgatou brincadeiras e brinquedos que brincava quando criança e ensinou às crianças a brincarem com coisas, objetos que nem imaginavam. O brincar aos poucos foi se tornando tão importante que nem saia mais de casa sem ele em sua cachola. As crianças por sua vez, o traziam todos os dias para a escola dentro dos bolsos, das mochilas, escondidinhos, mas prontos para usar!



Percebeu que o brincar não poderia estar distante da educação infantil, pois começou a ver o quanto as crianças se divertiam enquanto brincavam. O quanto aprendiam e se desenvolviam. Assim continuou o trabalho resgatando aquela criança que ainda vivia no seu interior e cada vez mais foi se conectando com as crianças ao seu redor. E quanto mais isso acontecia, mais se conectava consigo mesma. E percebeu que tinha que ir em busca de mais. Buscou leituras para ajudá-la a melhorar seu planejamento, e deixá-lo com mais qualidade. Aos poucos e adaptando suas práticas, percebeu que ao buscar novas alternativas para o brincar, foi contribuindo cada vez mais para o desenvolvimento das crianças. Ao trocar experiências com colegas de trabalho, foi aprendendo muitas coisas mais.

No decorrer do tempo, sentia que algo lhe fazia falta. Um sentimento muito intenso tomava conta de seu coração. Sentimento este chamado de amor de mãe. Sim, ela tornou-se mãe, e feliz por conseguir, comemorou demais esta conquista em sua vida. Na medida que sua barriga ia crescendo, crescia também o sentimento de seus alunos com aquela criança, dentro da barriga da “profe”, que recebia ainda mais carinhos diários, era cuidada e ainda mais amada. Recebia de seus alunos desenhos deles brincando e cuidando do bebê da “profe”. Eram lindas ilustrações, muitas guardadas até os dias de hoje!

O bebê nasceu em uma família que já estava pronta para recebê-lo! Cresceu e se tornou uma criança feliz, linda, meiga, inteligente e com uma pitada de curiosidade também! Com uma medida de “arteirisse” e muita disposição, fazendo sua mãe e seu pai se desdobrarem para brincarem com ela. O que foi muito bom para aquela professora, que junto com sua filha aprendeu ainda mais sobre o brincar. O brincar livre, saudável, amigo, bagunceiro, sujo ou tingido, choramingado ou sorridente, com ralados nos joelhos e manchas roxas nas canelas, com vento no rosto, correndo ou andando de bicicleta, corpo molhado do banho de chuva, dando saltos e cambalhotas, ouvindo história ou contando uma, cantarolando uma canção nova ou antiga ou até desconhecida, dando vida a objetos, empinando pipa, um brincar na natureza que beleza, pescar, catar minhoca, alimentar os animais, enterrar o pé no barro, na areia, na meleca, brincando com brinquedos comprados, ganhados e construídos. Um brincar com cheiros, sabores e cores! Com aroma de quero mais todos os dias, com o gostinho da brincadeira de ontem e colorido como o arco-íris do outro dia.

Enfim, um brincar com o qual ela se identificava e se apegava cada vez mais. Que agora colocava em prática em sua própria casa o que aprendera em sua infância, nas escolas que estudou, que trabalhou, na vida, com as várias crianças e adultos que passaram por seu caminho.

Mas um dia, a professora, que agora é mãe, mas que já não é mais tão jovem assim, resolveu continuar a estudar! Sente dentro de si que é chegada a hora de buscar mais conhecimentos a respeito de um assunto que a rodeia de todos os lados. Volta para a sala de aula, conhece outras professoras, outras crianças, outro brincar!

Fazendo sua especialização, percebeu que ainda precisava aprender sobre o tal do brincar! Brincar que tanto fez em sua vida, desde pequena, agora mudava de cor, de tamanho, de percepção. Ela começava a vê-lo com mais relevância do que antes. Com mais empolgação, com muito mais vida.

A professora conseguia ver como o brincar se envolvia em cada pedacinho de sua vida, e como ele agia nas crianças e também nos adultos por que não?! Descobriu que não poderia parar de brincar, se não ele enferrujaria ou seria devorado pelo monstro da preguiçeira, do desânimo e do marasmo que vai aos poucos corroendo com a vida e alegria desse lindo, faceiro e simples brincar.

É por isso, que nesta caminhada comprida, a jovem professora, agarrou-se na rabiola de uma pipa, e foi pesquisar e escrever sobre este tema tão presente na vida de todos, mas principalmente na mente, nas pernas, nos braços no corpo inteiro das crianças.

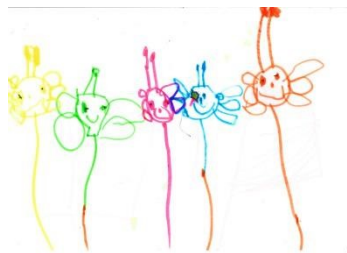
Só agora percebe, que as vivências com crianças sempre estiveram presente em sua vida, e que talvez ela não soubesse fazer outra coisa nos dias de hoje, se não trabalhar com crianças, brincar com crianças, aprender com elas, viver com elas! É através do brincar, que as crianças constroem suas aprendizagens e percebem o mundo que esta em torno delas. É no brincar que elas fantasiam, melhoram suas percepções, relacionamentos. Correr, pular, sorrir isso faz a diferença. O brincar livre esta na memória das pessoas, e não se pode deixá-lo ir embora, partir da vida escolar, da infância, das crianças ou da infância daqueles que se acham grande demais para viver feliz.

Ela acredita que brincar é talvez um instrumento de sobrevivência tanto para crianças quanto para adultos. Maria Amélia Pereira, afirma no documentário Tarja

Branca: *“Brincar para mim é usar o fio inteiro de cada ser, quando você “tá” usando seu fio de vida inteiro “se ta” brincando”.*

Então dá para se dizer que a professora, protagonista desta história, esta usando seu fio de vida, talvez não inteiro, mas ela ainda chega lá!

## 2 PONTO DE PARTIDA



A vontade de abordar este tema do brincar na Educação Infantil surgiu das nossas discussões nas aulas do curso de Especialização e das observações e atividades que vinha fazendo em escolas de educação Infantil do município de Ijuí. O interesse por este assunto despertou ainda mais curiosidade conforme fomos lendo, fazendo e ouvindo relatos das colegas de curso, vendo documentários, e conhecendo mais e melhor esse assunto tão presente no cotidiano das crianças, mas por vezes ainda esquecido.

A brincadeira é o lúdico<sup>1</sup> em ação. Brincar é importante em todas as fases da vida, mas na infância ele é ainda mais essencial. A criança, ao brincar, expressa sua linguagem por meio de gestos e atitudes, as quais estão repletas de significados, visto que ela investe sua afetividade nessa atividade. Por isso a brincadeira deve ser encarada como algo sério e que é fundamental para o desenvolvimento infantil. Vygotsky (2007) ressalta que brincar é uma atividade humana, que na brincadeira “é como se ela (criança) fosse maior do que ela é na realidade” (2007, p. 122), e ainda auxilia na autoestima, a estimular e desenvolver relação de confiança consigo e com o outro, com o mundo ao seu redor. Como aponta GARDNEI *apud* FERREIRA; MISSE; BONADIO, 2004:

Nenhuma criança brinca só para passar o tempo, sua escolha é motivada por processos íntimos, desejos, problemas, ansiedades. O que está acontecendo com a mente da criança determina suas atividades lúdicas; brincar é sua linguagem secreta, que devemos respeitar mesmo se não a entendemos.

---

<sup>1</sup> Lúdico é “[...] compreendido como experiência interna de inteireza e plenitude por parte do sujeito”. “[...] uma atividade não é lúdica ou “não-lúdica”. Pode ser, ou não, a depender do estado de ânimo de quem esta participando, assim como da circunstância em que participa da atividade, [...] e onde isso ocorre”. (Cipriano C. Luckesi, 2014) O lúdico só pode ser sentido, percebido, notado e expressado pelo sujeito que o vivencia. O lúdico “[...] é um estado interno e pode advir das mais simples às mais complexas atividades e experiências humanas. [...] Não necessariamente a ludicidade provém do entretenimento ou das “brincadeiras”. Pode advir de qualquer atividade que faça os nossos olhos brilharem”. (Cipriano C. Luckesi, 2014). O lúdico, para Oliveira (2000, p.10) “[...] não está nas coisas, nos brinquedos ou nas técnicas, mas nas crianças, [...] no homem que as imagina”. Completo afirmando, que o que pode ser encantador, divertido, alegre para uma pessoa, pode não ser para outra.

Brincar é aprender, e na brincadeira reside à base daquilo que, mais tarde, permitirá à criança aprendizagens mais elaboradas. O lúdico torna-se, assim, uma proposta educacional para o enfrentamento das dificuldades no processo ensino-aprendizagem. Também é fundamental para o desenvolvimento na primeira infância. O brincar desenvolve a imaginação, a criatividade, a agilidade e habilidades de força bem como cognitivas e emocionais. É por meio do brincar que as crianças conseguem interagir umas com as outras e com as demais pessoas que as rodeiam. Assim compreende o mundo ao seu redor.

Tânia Fortuna (site: Mapa do Brincar, do Jornal Folha de São Paulo, versão online) nos diz “É importante entender que a capacidade de brincar não é inata, ela se constrói, nasce, se desenvolve. Isso quer dizer que ela também pode definir e morrer, se não tiver condições propícias para o desenvolvimento”.

A capacidade de brincar e a importância que tem o brincar espontâneo na vida dos seres humanos é como se fosse um “kit de sobrevivência”, como define Tânia Fortuna, para a sobrevivência do homem. Nascemos com condições prévias para brincar, com capacidade de fantasiar, imaginar, se comunicar, por que é brincando que conseguiremos aprender o que precisaremos para viver. Distinguindo o “real do não-real”, imaginando aquilo que não existe, ajustando o real ao imaginário, conseguindo por exemplo, diferenciar perigos reais dos ilusórios. Ao brincar é possível medir as “possibilidades reais de enfrentar a vida”. E para desenvolver e estimular este brincar, é fundamental e necessário que haja um espaço provocador de diferentes ações, onde a brincadeira ocorre com corpo e com a mente, de maneira espontânea.

Sendo assim, não se pode deixar o brincar, em especial o brincar livre, na Educação Infantil e/ou na infância, esmorecer ou definir. Temos que fazê-lo sem negligenciar a responsabilidade sobre a aprendizagem e o desenvolvimento, pois o brincar é socializador, integrador. A transformação em relação ao brincar tem sido muito grande. Todos esses benefícios do brincar deveriam ser reforçados no meio escolar. Como já foi dito, a brincadeira facilita o aprendizado e ativa a criatividade, contribuindo diretamente para a construção do conhecimento. Friedmann (2006, p. 54) “[...] a aprendizagem depende em grande parte da motivação: as necessidades e interesses da criança são mais importantes que qualquer outra razão para que ela se dedique a uma atividade”.

Cabe a nós deixar brincar, e brincar com eles, cabe a nós proporcionar, estimular o lúdico, a criatividade, a imaginação. Brincar vem da criança, faz parte dela, é saudável, é gostoso, dá alegria, é libertador.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEIs/2009) que norteiam o trabalho realizado nas escolas de Educação Infantil, fala-se em desafios na construção da proposta pedagógica para darem vez e voz às crianças. Afirmando também que as práticas educacionais devem estar organizadas de modo a atender/fomentar as experiências e os saberes trazidos pelas crianças, sendo a escola a responsável por articular tais saberes e experiências das crianças e os conhecimentos que ela traz para a instituição de acordo com seus interesses. Diz também que a brincadeira é uma atividade privilegiada na promoção do desenvolvimento das crianças e que precisa ser valorizada. Na resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) e Câmara de Educação Básica (CEB), CNE/CEB nº 05/09, art.8º, está escrito "(...) direito a proteção, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e integração com outras crianças". Assim como defende a Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, denominada Estatuto da Criança e do Adolescente, que acrescenta no Capítulo II, Art. 16º, Inciso IV, que toda criança tem o direito de viver o seu tempo de infância que é o de brincar, praticar esportes e divertir-se.

Pensando no parágrafo anterior, é possível refletir sobre a nossa responsabilidade enquanto professores, e o que estamos fazendo na prática pedagógica no cotidiano escolar, para tentar dar vez e voz às crianças. E acreditar que se pode sempre ampliar, aprimorar a prática docente, para acolher de forma saudável, agradável e prazerosa o brincar livre, espontâneo, fazendo-se valer os direitos exigidos em lei, para o bem estar e desenvolvimento das crianças.

Assim me alicerço nas DCNEIs, para falar sobre a importância do brincar para as crianças, nesse caso de 4 e 5 anos de idade, uma vez que o brincar passa por todo o processo de aprendizagem e desenvolvimento. Questiono, qual sua abrangência na Educação Infantil? Como o brincar, em especial e brincar livre, está sendo visto nesse espaço? Faz parte do currículo, do planejamento das aulas nesse primeira etapa da educação básica? Qual sua importância dentro do cotidiano das escolas de Educação Infantil? Esses questionamentos me levam a querer aprofundar os estudos nessa temática. Sendo assim o presente estudo tem como

objetivo principal observar e refletir sobre como o brincar livre e espontâneo vem ocorrendo dentro das turmas de educação infantil.

A metodologia utilizada para a realização deste estudo foi qualitativa, com a utilização de estudo de caso, com diferentes coletas de dados, envolvendo pesquisa documental, entrevista (semiestruturada aberta e individual), registro de campo, onde foram registrados diversos momentos, falas, diálogos com as professoras, direção e coordenação, e também com as crianças, bem como observações participativas, que permitiram esboçar aqui, como a brincadeira vem sendo tratada em algumas instituições de educação deste município.

Com a pesquisa qualitativa foi possível observar momentos significativos do dia a dia das turmas, das crianças, professoras e demais envolvidos. Que foram compreendidos como sujeitos sociais, respeitando-se suas crenças, valores e opiniões. Foi observado que “[...] a fala dos sujeitos de pesquisa é reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos [...]” (MINAYO, 2008, p.204), sendo repleta de significados.

Minayo (2005, p. 21-22) afirma:

[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A utilização de diferentes “fontes de evidências nos estudos de caso permite que o pesquisador dedique-se a uma ampla diversidade de questões históricas comportamentais e de atitudes”. (YIN, 2001, p. 121). Isso quer dizer que o estudo de caso é muito mais do que coletar dados “[...] mas uma estratégia de pesquisa abrangente” (YIN, 2005, p. 33), metodológica, que possibilita ao investigador um aprofundamento em relação ao que se está estudando.

Minayo (1994, p. 53), em relação a pesquisa de campo é “o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação”.

Com as observações, durante o trabalho de campo, foi possível perceber o quanto eu fazia parte do contexto, e ao mesmo tempo em que ia modificando esse

contexto, também ia sendo modificada. Interagir com os sujeitos para tentar entender melhor o que esta sendo dito, sentido, pensado, para assim talvez conseguir compreender melhor o fenômeno em estudo. Observar e registrar não é um trabalho fácil, ao contrário, é difícil e prolongado. O tempo de observar e registrar é bem diferente, pois “Não é simplesmente olhar. É destacar de um conjunto (objetos, pessoas, animais) algo especificamente prestando atenção em suas características” (TRIVIÑOS, 1987, p. 153).

As observações e os registros feitos no diário de campo, são fundamentais, trazem a tona momentos às vezes esquecidos, porém importantes. Fatos para serem analisados e refletidos, situações familiares e de estranhamento. As observações tiveram momentos de distanciamento, mas também de aproximação. Observar foi de grande valia e possibilitou-me compreender melhor esse processo, desenvolver esta técnica na medida em que eu sentia necessidade. Compreendi que esta técnica consiste em se inserir no contexto desses atores sociais e ser aceito. Foi uma oportunidade de vivenciar, com e entre os envolvidos, uma relação pulsante e de multiplicidade de sentimentos.

As peculiaridades e características das crianças estão presentes no cotidiano das escolas, que por sua vez desempenha um papel imprescindível e precisa oferecer um espaço saudável, estimulante para que as brincadeiras espontâneas ocorram de forma significativa, e possam contribuir para o desenvolvimento das crianças.

As brincadeiras não vêm fazendo parte do currículo da Educação Infantil como deveriam, e muitas vezes sendo ignoradas do planejamento, ou tratadas de forma menos importante, e por isso, vem perdendo espaço e força para atividades dirigidas de escolarização precoce, ou para datas comemorativas.

Atividades precoces, que estão forçando a alfabetização e interrompendo o processo de desenvolvimento das crianças. Há uma hora adequada para que as crianças consigam desenvolver cada uma de suas habilidades, não amadurecem quando querem ou quando o professor deseja. É preciso respeitar o tempo e o ritmo de cada criança, e perceber que os saberes e conhecimentos vão muito além de aprender letras e palavras, números e cores. A criança ainda precisa muito do brincar, o brincar é a melhor forma da criança construir as bases que precisa para lidar com a escrita. O papel do professor neste sentido é de incentivador. Sim,



precisa incentivar as crianças a buscar, experimentar, explorar o mundo que a rodeia, e a descobrir e revelar assim, habilidades, anseios, desejos.

De acordo com Ferreiro (1999, p.47) “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária”. Se é um processo, com certeza tem seu início na educação infantil, como é possível ouvir no documentário “Série Grandes Diálogos” da Revista Nova Escola, onde a especialista Emília Ferreiro fala sobre a leitura e escrita na educação infantil. Onde afirma que tudo o que se vai fazer com uma criança “tem a ver, precisamente com a maneira como se introduz uma criança na cultura escrita”. Ela ainda afirma que é preciso permitir às crianças que tenham acesso a escrita, mas de uma maneira saudável, carinhosa, respeitosa. “[...] se vai permitir essas experiências fundamentais que estão relacionadas com atos desse tipo, que são muito especiais, então, bem vinda seja essa introdução à cultura escrita [...]”. A educação infantil não pode e não deve copiar ou fazer as mesmas práticas do ensino fundamental, por que se vai fazer isso “é melhor que não faça nada”.

Assim, deixo bem claro que não sou contra a prática da escrita na educação infantil, apenas acredito assim como Ferreiro, que as melhores introduções à cultura escrita são aquelas que partem do interesse da criança, onde esta rodeada “de coisas que ainda não compreende, mas que dão vontade de compreender”.

Em relação às datas comemorativas, questiono-me. De onde vem este costume? Quais as ideologias que acompanham estes costumes? Quais valores estão sendo mostrados às crianças? As instituições tem o direito de interferir Nas escolhas das famílias? A escola pública não é laica? Então não professa religião alguma. Escola laica esta na Constituição Federal de 1988 e também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB- Lei 9394/96). Também esta de acordo com uma educação pública democrática, para todos sem exceção.

Trabalhar datas comemorativas na escola pública é um hábito muito antigo. Mas será que ainda podem ser comemorados na escola da mesma maneira? Basta pensarmos nas atuais circunstâncias da nossa sociedade, e questionarmos esse sistema, e ver se as pessoas homenageadas estão sendo homenageadas da melhor forma mesmo. Como por exemplo, quando se comemora o dia das mães da forma tradicional, (como o que aconteceu em minha pesquisa de campo nas escolas) não esta se respeitando as novas formatações das famílias. E ainda tem o consumismo,

que esta sendo cada vez mais instigado com estas comemorações. É necessário entender e por em prática, que todos que estão dentro de uma escola precisam e devem ser respeitados, independente de sua origem, cultura, religião, posição partidária, padrões econômicos, sociais ou afetivos.

No site “Gira, Cirandinha!” a professora Karina Cabral diz que a instituição pública, no caso aqui presente escola pública não é de jeito nenhum o quintal da casa de alguém e muito menos o prolongamento de alguma família. Mas que a escola é sim, um espaço de todos e para todos.

Creio que usar a sala de aula ou qualquer outro espaço da escola ou período que deveria ser dedicado ao brincar por exemplo, para os preparativos de datas comemorativas, é um desrespeito à criança.

A brincadeira livre no currículo da Educação Infantil, conforme defende Santin diz:

[...] é de fundamental importância para a aprendizagem da criança por que é através dela que a criança aprende, gradualmente desenvolve conceitos de relacionamento casuais ou sociais, o poder de discriminar, de fazer julgamentos, de analisar e sintetizar, de imaginar e formular e inventar ou recriar suas próprias brincadeiras. (2001, p.523).

Ou como ainda vemos nas palavras de Ferreira (1988), que brincar “[...] é divertir-se e entreter-se infinitamente em jogos de criança” e o Lúdico “[...] que tem caráter de jogos, de aprender brinquedo e divertimento; é uma necessidade básica da personalidade, do corpo e da mente, faz parte das atividades essenciais da dinâmica humana.” (FERREIRA, 1988, p.139)

O brincar espontâneo precisa estar presente na Educação Infantil, de forma agradável, ele é primordial. É nas brincadeiras de faz de conta que a criança usa a sua vivência de mundo como matéria prima de sua imaginação, onde se desafiam, resolvem conflitos, criam possibilidades, hipóteses para solução de dificuldades, encontradas frente a determinadas situações, interagem, constroem seu raciocínio, seus próprios conceitos. Assim deveria ocorrer este brincar, de forma singela, simples, mas recheado de alegria, de faz e refaz, repleto de condições onde as crianças possam conhecer, descobrir, viver suas vivências.

Assim sendo, venho através deste trabalho de pesquisa mostrar algumas das realidades encontradas no cotidiano escolar de crianças da Educação Infantil no Município de Ijuí.

### 3 DO COMEÇO ENTÃO: DA CHEGADA ÀS ESCOLAS



A pesquisa foi realizada em duas escolas de Educação Infantil e também em uma escola de Ensino Fundamental. Todas as escolas são municipais. Foram entrevistadas duas professoras da escola A, quatro professoras da escola B e uma professora da escola C. As crianças também foram ouvidas. As escolas serão identificadas com letras, como já foi utilizado acima. Já as professoras receberão nomes fictícios escolhidos por mim.

Para a realização deste trabalho de campo, foi necessário solicitar a autorização da Secretaria Municipal de Educação (SMED), somente depois do consentimento do senhor secretário de educação, é que foi possível ir até as instituições de ensino para o primeiro contato com a direção e coordenação das escolas.

Na escola A, conversei brevemente com a diretora, disse a ela qual era minha proposta em estar ali, e ao que me sentei um pouco mais acomodada, ela foi logo me dizendo: *“Sabe que as coisas nunca são sempre boas em uma escola. Um dia “ta” tudo tranquilo, no outro é de correria. A gente sabe que as coisas não são perfeitas, que tem muito que melhorar, e as pessoas de fora sempre veem mais do que a gente que esta aqui dentro”*. Bom, dito isso combinei com ela o dia que iniciaria minha pesquisa. Tive restrições de horário, pois como disse a diretora, *“(…) você só vai observar eles brincando né? Então pode vir das 8:30hrs às 11:00hrs”*.

Nessa instituição de Educação Infantil observei o dia a dia de duas turmas. O que foi bem interessante, pois uma era totalmente o oposto da outra. O que uma turma tinha de agitada e descontraída, a outra tinha de calma.

Na escola B, fui recepcionada pela coordenadora, que me pareceu muito atenta a toda palavra que eu dizia. Achou meu trabalho de pesquisa interessante e foi falando de documentários que assisti, e de pensadores que falavam sobre o currículo da Educação Infantil. Falou-me de seus cursos realizados nesta área enquanto estava em sala de aula, da Pós Graduação que fez, e das formações continuadas que são realizadas pela SMED. Salientou a importância do brincar e da necessidade das crianças interagirem. Disse-me que falaria com as professoras

nesse primeiro momento, depois me daria retorno. Porém uma das professoras preferiu falar comigo em particular, para saber exatamente o que eu iria observar.

Enfim, depois de tudo isso, a coordenadora me avisou que eu poderia iniciar meu trabalho na escola. Solicitou que eu fizesse uma autorização para que os pais e responsáveis assinassem (ou não), para que eu pudesse tirar fotografias e gravar vídeos das crianças. Nesta escola fiz observações em quatro turmas. Duas turmas de pré-escola no turno da manhã e duas no turno da tarde. A diretora, com tranquilidade e despreocupada, disse-me “(...) *por mim “ta” tudo bem, fica a vontade!*”. Então com o aval dela e da coordenadora pedagógica já estava apta a iniciar minha pesquisa nesta instituição.

Na escola C, de Ensino Fundamental, fui recepcionada pela coordenadora do turno da manhã. Um tanto apreensiva, mas ao ver carta de apresentação assinada pelo secretário de educação, disse “(...) *assim não vejo problemas em você realizar a tua pesquisa aqui na escola*”. Chamou a professora da turma para que pudéssemos dialogar. E claro, ver se ela iria aceitar. Por fim, depois de explicar meus objetivos para a coordenadora, para a professora titular da turma, ainda no dia seguinte tive uma conversa com a vice-diretora, que estava curiosa com minha presença na escola. Também fui solicitada a trazer um documento pedindo a autorização dos pais e/ou responsáveis para utilizar fotografias de seus filhos e possíveis vídeos feitos no âmbito escolar. Uma escola pequena, onde todos ajudam a todos. Senti-me bem recepcionada, depois da conversa com a equipe diretiva.

A presente pesquisa aborda relações dialógicas entre a teoria e o material de campo, onde se podem caracterizar vários aspectos do brincar dentro do âmbito escolar.

Todo material utilizado foi registrado no diário de campo, para que não fosse perdido ou esquecido informações importantes, como falas das crianças, das professoras e demais envolvidos, descrevendo-se momentos diversos, tanto dentro da sala de aula como em locais externos nas instituições. Também foi possível fazer registros através de fotografias e vídeos das crianças. Foi observado e descrito também neste material, diálogos com as crianças, professores, funcionários, atitudes, observando aspectos como a perspectiva da escola em relação ao currículo da Educação Infantil, desenvolvimento e concepções de criança, o brincar, os objetivos, a metodologia, o desenvolvimento das potencialidades das crianças.

Conforme fazia as observações, e analisava meus registros mais tarde, foi possível notar o quanto é relevante esse material. Importante e rico, repleto de emoção, sentimentos diversos, estranhamento, indignação em determinadas situações, mas que mesmo assim, contribuiu muito para minha escrita e para a profissional que sou e a que desejo ser. Com o desejo de ver um trabalho pedagógico voltado para a infância, centrado nas especificidades das crianças, contribuindo para o desenvolvimento e as considerando sujeitos importantes nesse processo, parto para o próximo capítulo.

#### 4 CONHECENDO OS ESPAÇOS DE PESQUISA: AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO



A EMEI 'A', (Escola Municipal de Educação Infantil), foi inaugurada em 1.981, tendo 35 anos de atuação, uma das mais antigas instituições deste município. Foi construída com recursos municipais, estaduais e com o auxílio da comunidade. Atende 120 crianças, distribuídas em turmas de Berçário I e II e Maternal I e II, em turno integral ou meio turno. As crianças possuem em média três ou quatro meses quando ingressam na escola e permanecem até os quatro anos de idade completos. Possui 30 funcionários, destes 11 são professores. A escola possui um refeitório e cozinha, lavanderia, dois banheiros para as crianças, lactário (Espaço reservado para mães que estão amamentando) e fraldário (Ambiente fora do espaço de sala de aula, organizado para a troca de fraldas e higiene das crianças das turmas de Berçário). Sala de planejamento, secretaria e sala de direção e coordenação. O espaço externo tem duas praças, uma com brinquedos de metal e madeira com pedriscos e a outra com calçada e brinquedos de playground (de plástico). Ainda conta com uma quadra coberta. Atende uma realidade multicultural, de diferentes bairros da cidade. De acordo com o P.P.P (Projeto Político Pedagógico) desta escola acredita-se, em relação ao brincar que “Realizar um trabalho em brincadeiras é fundamental (...)”.

A escola B (EMEI) existe desde 2008 estando localizada em um dos bairros mais populosos do município. Sendo primeiramente construída para atender até 150 crianças, mas atualmente possui 212 crianças matriculadas e assíduas. Essa diferença de 62 crianças ocorre porque a escola fez algumas mudanças, como a transformação de algumas salas utilizadas para outras finalidades, para salas de aula, conseguindo assim atender um número maior de crianças, que frequentam a instituição no turno integral ou apenas meio turno. De acordo com a necessidade das famílias ou a disponibilidade de vagas. Esta escola tem um grande diferencial, atende crianças até os cinco anos de idade, o que na maioria das EMEIs, não ocorre, ou seja, as crianças saem dali, para irem para o primeiro ano do Ensino Fundamental. As crianças na maioria são de famílias carentes que dependem da

ajuda de programas sociais do governo. Outras de pais que trabalham no comércio, indústrias locais, serventes de obras, pedreiros, faxineiras, empregadas domésticas, babás, autônomos.

A instituição possui sete salas de aula, secretaria, sala de direção e coordenação pedagógica, banheiros coletivos para as crianças, refeitório e cozinha. Uma lavanderia, banheiro para os funcionários. Sala de planejamento e multifuncional (que serve para atendimento individual para crianças com necessidades especiais) possui um fraldário e lactário, além de um espaço dentro da escola com playground. O espaço externo possui duas praças com brinquedos de metal e madeira e pedriscos, espaço com areia coberto e fechado com tela (para evitar a entrada de animais). Possui também um palco onde são realizados os eventos da escola. O espaço conta também com árvores de sombra e mudas de árvores frutíferas.

Conforme o Projeto Político Pedagógico desta instituição conta com uma “gestão democrática e participativa”. Possui CPM (Conselho de Pais e Mestres) e Conselho Escolar. Acredita no “cuidar e educar como processos diferentes, porém indissociáveis”.

A Instituição C é uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) e teve o início de sua história em 1962 sendo construída com recursos do poder público e com a mão de obra da Associação de Moradores do Bairro, sendo construída em um terreno doado por uma das moradoras do entorno. Começando o atendimento às crianças três anos após o início da construção, em 1965. Apenas em 1983 foi implantada na escola a primeira turma de Pré-escola. E em 2001 começou a funcionar a oitava série do Ensino Fundamental. No Projeto Político Pedagógico mostra a evolução da escola, e as dificuldades que a instituição passou ao longo dos anos para conseguir atender às crianças. Foram reformas, demolição, construção de novas estruturas. No ano de 2006 foi concluída a quadra de esportes e apenas em 2009 que a SMED (Secretaria de Educação deste município) proporcionou brinquedos de pracinha para a escola. As mudanças continuam, pois atualmente a escola juntamente com a SMED está com projeto de ampliação da instituição nos terrenos ao lado da escola. Onde poderão atender ainda mais e melhor a comunidade escolar. Atualmente a EMEF possui um prédio com dois pavimentos, sete salas de aula, um laboratório de informática, uma sala de leitura na biblioteca, uma sala para o atendimento educacional especializado, para atendimento de

crianças com dificuldades de aprendizagem e/ou necessidade especial. Possui sala de professores, de direção e secretaria, além de refeitório e cantina. Lavanderia, depósito e oito banheiros. Uma das salas de aula foi adaptada e organizada para o funcionamento do laboratório de ciências.

De espaço externo a escola possui a mesma quadra de esportes, uma pracinha com poucos e sucateados brinquedos, onde estão instalados sobre a areia e calçadas de piso de cimento.

Atualmente esta instituição tem 265 alunos, distribuídos em dois turnos (manhã e tarde), atendendo desde a Educação Infantil, com crianças de 4 e 5 anos de idade até o 9º ano do Ensino Fundamental. São 30 professores e 7 funcionários.

A escola tem parceria com a AABB (Associação Atlética do Banco do Brasil), onde os alunos frequentam no turno inverso fazendo diferentes oficinas. Possui Clube de Mães, organizado pelas próprias mães, que funciona nas dependências da escola. Grêmio Estudantil formado pelos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. Também conta com o projeto piloto de 2015, com aulas de Língua Inglesa para a Educação Infantil. Participa do Projeto “Rádio Tecnologia e Empreendedorismo na Escola”, através da SMED em parceria com a UNIJUÍ (Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul) e Conselho Escolar. Os alunos vêm de diferentes realidades socioeconômicas e culturais dos bairros que ficam próximos à escola.

Segundo o P.P.P desta instituição a gestão é “democrática e participativa”. Onde se acredita na “transmissão e internalização de saberes e com a formação humana. Partindo de uma educação sócio- interacionista, com aprendizagem da interação e socialização de cultura na escola e na construção de novos conhecimentos”. Com o objetivo geral, descrito no P.P.P, de “proporcionar um ensino de qualidade, onde o aluno se aproprie das diferentes linguagens”.



#### 4.1 “TU VEIO PRA BRINCAR COM A GENTE?!”: CONTANDO COMO FORAM AS VISITAS NAS TURMAS



Na escola A, eu tinha horário para chegar e para sair pré-determinados pela diretora. Então chegava depois do café da manhã das crianças e saía antes do almoço. Observei duas turmas de Maternais. Uma turma com 19 crianças (que chamarei de turma I) que na grande maioria permanecem em turno integral na instituição. A outra turma com 16 crianças (turma II) que também grande parte das crianças permanece o dia todo na escola.

Senti-me um tanto receosa na chegada, pois eu, sendo uma presença diferente na escola e na turma, as demais professoras somente falavam comigo quando eu ia ao encontro delas para conversar, ou tentar dialogar ou questionar algo em relação às crianças, então respondiam-me, eram breves, diretas em suas respostas, apenas o necessário era dirigido a mim naquele momento.

Com o passar dos dias, consegui dialogar com mais facilidade com as professoras regentes de cada turma. Onde às vezes eu ficava uma manhã inteira em cada uma das turmas ou então, uma hora e meia em cada uma. Lembrando que eu só tinha três horas por manhã para fazer minha pesquisa.

Na turma I, a maioria das crianças são meninos, tendo apenas cinco meninas, mas que brincam muito bem junto com os meninos. Em alguns momentos elas preferiam brincar só entre elas, geralmente de casinha, onde uma era a mãe, a outra filha, uma cozinheira e a outra cuidava do bebê ou levando para passear na sala, a outra lavava roupas e assim seguia a brincadeira. Já os meninos brincavam com peças montando pistas pelo chão da sala toda. O mais interessante era ver eles se organizando para brincar, alguns delegando tarefas para os demais.



Também os observei brincando de casinha. E assim é possível notar a relação que eles têm em casa com seus familiares. Um dos meninos em um momento da brincadeira disse:

*“Eu levo o filho no médico, depois vou pro trabalho de novo!”.*

E a menina que fazia o papel de mãe disse:

*“Eu passo no “sus” pra pegar os remédio dele!”.*

A turma possui autonomia para escolher os brinquedos que querem brincar. Brinquedos estes que ficam guardados em caixas nas prateleiras na sala. As crianças identificam a caixa que querem, e solicitam às professoras, pois na maioria das vezes, já sabem que tipo de brinquedo tem lá dentro. Mas como ressalta Tânia Fortuna em relação a disposição dos brinquedos em sala de aula:

[...] Os brinquedos devem estar dispostos como se convidassem a brincar. Acessíveis, visíveis e instigantes, podem ser distribuídos pela sala em diferentes cantos e zonas, propondo assim, diferentes pontos de partida para as brincadeiras. (2011, p.9).

Um espaço organizado e planejado pode “ser um lugar de brincar e por isso mesmo, um lugar para crescer, aprender, ensinar e no qual se possa viver com alegria e sentido”. (FORTUNA, 2011, p. 10).

Também gostam de jogos como quebra- cabeça e memória, onde precisam de auxílio da professora nas orientações a respeito das regras de cada jogo. Gostam de ver televisão, já esta na rotina na turma, ao chegar pela manhã assistem tv, afirma uma auxiliar: *“Eles veem tv até todos chegarem! E antes do almoço também, “para se acalmarem!”.*

No período em que fiquei com eles, observei que estas situações relatadas acima, eram o que na maioria das vezes eles brincam em sala.

A turma II pareceu-me tranquila, gostam de brincar com massa de modelar. A professora titular dessa turma estava de atestado quando ingressei com as observações, fui conhecê-la mais tarde, quando já estava no final de minha pesquisa nessa escola, nos demais dias as crianças passaram com outras professoras e auxiliares, que tentavam seguir uma rotina com eles.

A professora titular fazia massa de modelar para a turma e segundo ela: *“Faço massinha, uma vez por semana, geralmente de segunda, por que assim a gente ocupa a semana toda”.* As crianças escolhem a cor da massa de modelar. Ela mistura todos os ingredientes com o auxílio de luvas. Dá ponto na massa e em

seguida entrega pequenos pedaços para cada uma das crianças. Que por sua vez não questionam o processo de fabricação da massa de modelar. Aguardam a professora, sentados às mesas em suas cadeiras.

Tive oportunidade de ver a professora, sentando-se às mesas com as crianças para brincar ou jogar. Fortuna (2011, p.10) explica:

Assim como a interação criança- criança na brincadeira é fundamental, também é importante a interação da criança com o educador. A presença do educador na brincadeira é agregadora e estimulante. Brincando junto, o educador mostra como se brinca, não só porque assim demonstra as regras, mas também porque sugere modos de resolução de problemas e atitudes alternativas em relação aos momentos de tensão.

Aproveitei alguns desses momentos de brincadeira com massa de modelar, e perguntei a eles “quem faz ou brinca de massa em casa?” e a resposta veio logo:

*“A minha mãe não deixa!”*

*“A minha diz que a massa de pão não dá pra comer, tem que colocar no fogão primeiro, aí dá pra comer, só não quando tá quente, por que daí queima a boca!”*

*“A minha vó me deixa ajudar ela quando ela faz bolacha!”*

*“A minha vó também faz pão, e às vezes ela me dá um pouco de massa pra brincar!”*

*“Eu quebro os ovos pra ajudar a minha mãe, quando ela faz bolo!”*

*“A minha vó coloca a massa no fogão assim daí ela queima um pouquinho dos lados e daí ela me dá pra comer!”*

*“Eu ajudo minha tia. A gente faz bolinho com a massa e eu ajudo ela, a gente bota feijão pra ser o olho dos bonequinhos!”*

Interessante ouvir estes relatos das crianças. De suas experiências com seus familiares.

Conversando com a professora, perguntei do que as crianças preferiam brincar, e ela prontamente me respondeu:

*“Ah, as gurias brincam de casinha. Eu tiro a caixa de cima da prateleira e elas escolhem um canto na sala e montam a casinha. Já os guris preferem os animais de borracha, sabe aqueles que têm de dinossauros, são esses!”*

Dialogando mais um pouco, a questioneei: “E no pátio, do que eles preferem brincar?” E ela me retornou: *“Brincam nos brinquedos, adoram ir na pracinha!”*

Outro dia, entre uma conversa e outra, ela me disse:

*“Eles gostam muito de jogos. Dominó, quebra-cabeça, memória. Dou pra eles na chegada, até todos chegarem, assim são menos crianças e posso me sentar um pouquinho com cada uma!”*

As crianças gostam muito de ir à pracinha, em alguns momentos



perguntavam às professoras:

*“Vamos ir daqui a pouquinho profe?”*

*“Hoje da pra ir, por que não ta chovendo né profe?”*

*“A gente vai na pracinha. Lá é bem legal, tu vai junto com a gente lá também tia?”* Um deles me perguntou.

Chegam à pracinha correndo, se divertem, riem, gritam, sobem nos brinquedos, se balançam alto, descem pelo escorregador o mais rápido que conseguem, gostam de sentir o vento batendo no rosto. As crianças têm brinquedos de areia para brincarem nos pedriscos. Fazem ‘comidas’ diversas, tive a oportunidade de brincar com eles em alguns desses momentos, o que foi divertido. Alguns ficavam me olhando de longe, meio desconfiados com aquela pessoa estranha, adulta ali no meio deles, mas outros já vinham convidar para tomar chá, comer bolo e outras comidinhas feitas por eles.

Nos últimos momentos em que estive na escola, era a semana que antecedia o do dia das mães. Então foram muitos preparativos, desenhos, pinturas, presentes, organização e ensaio das crianças para a apresentação às mães. Como a escola iria fazer um chá para as mães, com venda de fichas, precisavam se organizar com os comes e bebes da festa. Inclusive a decoração do espaço. Foi uma semana com ensaios e mais ensaios, para que tudo saísse certo no dia da apresentação. Cantoria, gestos, postura, posição. Enfim, todas essas coisas! Um dia comemorativo e dentro da escola vira uma semana ou duas de preparativos muitas vezes desgastantes. Em determinados momentos, é possível notar o cansaço, não somente das crianças, mas das profissionais também, devido aos preparativos alusivos a data a ser comemorada.

Falando em data comemorativa, o que encontro na escola B quando chego no turno da tarde para iniciar minha pesquisa? Professoras e coordenação empenhadas no tal dia das mães e em todos os seus preparativos. Novamente esgotadas, tanto as crianças quanto as professoras. Nesta escola acompanhei

quatro turmas, duas no turno da manhã e outras duas no turno da tarde (que serão chamadas de turma I, turma II, turma III e turma IV). Todas as turmas são numerosas, com 23 a 25 crianças assíduas onde as professoras trabalham sozinhas, sem auxiliares. São crianças oriundas de famílias em vulnerabilidade social. Em sérias condições de fragilidade material e moral, tendo seus direitos violados.

São turmas agitadas, gostam de brincar na sala de aula, mas é quando saem para o pátio que se realizam. A pracinha é sem dúvida o lugar preferido. A turma I, gosta de brincar livremente pela sala de aula, vão por baixo das mesas, são suas casas, quando brincam de “vizinha” ou de casinha e tuneis quando brincam de carrinhos, e construção de estradas e prédios com peças de madeira. São também esconderijos, onde tentam se proteger dos lobos, mas quando eles chegam não tem jeito, a maneira para tentar se salvar é fugir, e então saem correndo e gritando pela sala. Outros correm e ficam tentando escapar rodando em torno da professora. É uma turma divertida! Que gosta de brincar! A professora faz trabalhos com todos eles ao mesmo tempo, sobre as mesas, algumas vezes realiza atividades individuais com cada criança. Conforme vão terminando seus trabalhos, desenhos, pintura, recorte, colagem, enfim suas atividades vão sendo liberados para brincar na sala. Que em alguns momentos são de brincar com o que a professora estipula, outras os deixa escolherem.

A turma II gosta de uma bagunça. E a representatividade de brincadeiras de luta é muito visível na turma. Em determinados momentos brincam dessa maneira e acabam por se machucarem, tamanha a força e violência dos golpes. A maioria assiste filmes adultos de guerra ou super-heróis, como eles mesmos contam uns para os outros. Abaixo se pode observar algumas das falas das crianças enquanto brincam em pequenos grupos na sala:

Meninos brincando com pequenos bonecos desses super heróis.

*“Eu sou o homem de ferro, destruo tudo com meu leiser!”*

*“Tu não é de nada, eu sou mais forte, eu sou o hulk!”*

*“E o martelo dele é o mais poderoso, consegue destruir tudo!”*

Brincavam e davam vida aos pequenos bonecos, faziam os sons dos golpes e dos movimentos.

Em outro momento:

*“Sabe tia, esses dia a polícia foi lá em casa, bateu lá procurando meu tio, mas ele já tinha ido e a polícia não conseguiu pegar ele!”*

Eles me chamam de tia. Durante minhas observações ouvi mais alguns relatos interessantes.

*“Os pé de porco aparecem do nada e vão atrás dos cara de moto!”*

*“Eles pegam e dão le pau mesmo!”*

*“Um dia a polícia botou meu primo contra a parede e fincou a cara dele assim até esmaga o nariz dele na parede!”*

*“A polícia é pra nos ajudar contra os ladão!”*

*“Eles prendem, levam lá pra modulada!”*

E assim segue! O que para nós talvez possa soar estranho e perigoso, para eles parece que é assim, que era assim, e que assim vai continuar sendo. Essa turma estava com uma professora substituta, pois a professora titular estava de licença médica.

Na sala é tumultuado, acabam brigando várias vezes. Inúmeras vezes a professora precisa intervir quando brincam ou jogam para que não se machuquem, pois partem para as agressões físicas.

Na turma III, que vem para a escola no turno da tarde, a professora é mais rígida, e cobra melhores hábitos e atitudes deles. A sala é muito bem organizada, as crianças sabem onde estão os jogos e brinquedos e tem autonomia para pegá-los, mas mesmo assim, são acostumados a pedir para a professora se podem ou não pegá-los.

Brinquei muito nessa turma, comi muito também, tomei muito chá, cafezinho, bolo. São criativos, em uma das cenas que presenciei nessa turma, as bonecas já tinham acabado então as meninas sem bonecas se juntaram e começaram a conversar:

*“Eu to sem boneca também!”*

*“A gente pode brincar de outra coisa!”*

*“Não quero brincar de outra coisa, quero brincar de mamãe e filhinha!”*

*“Então eu sou a mãe e tu é o bebê. Depois eu sou o bebê e tu é a mãe!”*

*“Ta bom, onde eu vou dormir?”*

E a terceira menina diz:

*“Aqui oh, nessa caixa! Boto uma coberta pra ti!”*

Então o problema estava resolvido, e mostrando autonomia as meninas resolveram a situação entre elas mesmas, sem precisar da intervenção da professora, que nesse momento estava envolvida nos trabalhos do dia das mães, e acredito que ela não tenha percebido a cena. Uma iria ser a mãe, a outra a filha e a terceira menina? Bom a terceira menina já foi logo dizendo:



*“Eu vou ser a doutora, e vou examinar tua filha! Depois tu leva lá no postinho tá?”*

E assim seguiu a brincadeira dessas meninas sem bonecas! Mas com uma imaginação linda. Como vimos na fotografia acima.

Os meninos são minoria, brincavam de oficina mecânica, consertando carrinhos estragados das batidas, da corrida de carros que acontecia na sala de aula. Gostam de legos, e peças de madeira, assim como as meninas e fazem castelos, casas, estradas, enfim, vão unindo peças com os colegas e quando a percebe-se a maioria da turma esta montando, brincando e interagindo.

Parece uma turma calma, independente e carente de carinho, vinham me pedir a todo instante para eu arrumar-lhes os cabelos, brincar de mamãe e filhinha, onde às vezes eu era a mãe e outras a filha. Em outros momentos me pediam para atar os cadarços de seus tênis, o que eu realmente acredito que era um pretexto para conversarem comigo a respeito de minha presença ali. Alguns questionamentos que me fizeram:

*“Você é uma profe também?”*

*“Tem filho? É pequeno ou já é grande!”*

*“Por que tu fica tirando foto da gente?”*

*“Pra quem tu vai mostrar as foto da gente?”*

*“Tu veio pra brinca com a gente?”*

Enfim, curiosidades!

Outro momento que gostei muito de presenciar, foi quando observei eles brincando em um canto dentro da sala, faziam de conta que dormiam, e logo alguém

vinha e dizia *“acorda, acorda, agora conta o que tu sonhou”*. Como assim, conta o que sonhou? E a criança lhes contava o que havia ‘sonhado’. Ao ver a cena se repetindo algumas vezes, me aproximei um pouco mais, pois movida pela curiosidade gostaria muito de ouvir o que as crianças contavam depois de ‘acordar’, mas ao perceberem minha presença, foram se afastando, e a brincadeira acabou. Coisa de principiante ansiosa para ouvir o que as crianças falavam, mas acabei estragando esse momento de brincar espontâneo. Mais uma coisa em minha lista de cuidados a observar.

Ainda curiosa, perguntei a um deles do que estavam brincando:

*“A gente só tava brincando tia!”*

Os outros logo foram dizendo:

*“A gente brinca disso, mas é só a gente que sabe fazer isso!”*

*“É, tu não sabe por que tu não brinca mais, tu não é que nem a gente!”*

*“Tu é adulta!”*

Fiquei sem reação e só consegui dizer nesse momento que eu brincava sim. Para me ajudar tive umas defensoras que me defenderam muito bem, disseram as meninas:

*“Ela sabe sim, brincar. Eu já vi!”*

E a outra do lado dela disse:

*“A gente sabe tia que tu brinca!”*

Então, me sentindo mais acolhida e ao mesmo tempo destituída da confiança de alguns, questionei mais uma vez, sobre o que estavam brincando, e uma das meninas que havia me defendido disse:

*“A gente brinca de sonhar! A gente dorme, e fica pensando no sonho, depois agente acorda, e conta o que foi que sonhou!”*

Bom, minha resposta foi dada. Estavam brincando de sonhar.

Já tinha visto em outros momentos, mas foram tão rápidos que eu ainda não havia conseguido entender. Pois são várias crianças na sala, brincando, conversando, te chamando e as crianças que faziam essa brincadeira, não faziam em qualquer lugar ou de qualquer jeito, escolhiam um canto que ninguém mais da sala estava ocupando. Era um pequeno grupo de 5 ou 6 crianças. Sempre os mesmos.

A turma IV era agitada, barulhenta, onde eles não conseguiam falar em tom aceitável aos ouvidos, mas sim gritavam e se xingavam quase o tempo todo. A



professora era nova na escola e também no município, pois tinha sido chamada no concurso fazia apenas dois meses. Estava preocupada com minha presença na sala, e o que eu iria registrar ou escrever a respeito de seu trabalho. Conversei mais com esta professora, ela vinha me contando os problemas de cada um deles, e tentando justificar-me por que agiam dessa ou daquela forma.

Eram crianças muito carentes de atenção, bastou eu me sentar, em uma das 'cadeirinhas' que minutos depois já estavam ao meu redor, conversando e pedindo o que eu estava fazendo lá, se eu queria jogar um jogo, ou desenhar com eles, ou brincar com legos, animais ou qualquer outra opção. Ao iniciar a brincadeira com legos e animais de borracha, construímos um 'forte' para colocar os animais em segurança. Fomos construindo com as peças de legos, eu e eles, o mais alto que conseguimos fazer. Depois determinamos um guarda, que cuidaria da portaria do 'forte' e ele logo foi dizendo:

*“Então se eu vou ser o guarda, tem que ter uma senha. E só vai entrar quem dizer a senha!”*

Pois bem, ele escolheu a senha, e só entrava quem a dizia, e mantinha a ordem, mesmo daqueles colegas que queriam bagunçar a brincadeira. Aos poucos acabaram respeitando este combinado, pois viram que se não fosse assim, eles não iriam poder brincar. Na hora de guardar, eles pegaram a nossa construção e colocaram-na inteira dentro da caixa, cuidando para não desmontar, pois no outro dia, iriam brincar novamente.

Moyles fala sobre a importância de o professor reconhecer a relevância de sua participação na brincadeira, que consiga estimular e motivar os sujeitos, sem deixar de valorizar essas vivências, possibilitando às crianças o protagonismo que as pertence:

Dentro da atividade, o adulto pode enriquecê-la, aprofundá-la e abrir novas áreas de aprendizagem para as crianças. Pode intervir e estimular a aprendizagem nessa posição de participante sem tirar das crianças a condição de proprietárias da atividade. (MOYLES, 2006, p. 118).

E assim os dias foram passando, e nós nos aproximando cada vez mais. Já fazia parte da roda de conversas deles, da rotina, das cantigas e brincadeiras. Na sala gostavam também de jogos como dominó e quebra-cabeça, eram os preferidos da maioria da turma. Porém, não sabiam as regras, ou pelo menos não regras

completas, às vezes apenas partes delas. Então fui me sentando com eles e aos poucos fui ensinando-lhes as regras de cada jogo, e separando peças de que não faziam parte dos jogos que estávamos jogando e até consertando peças e caixas desses jogos. O dominó foi o mais difícil de aprender. Eles colocavam as peças em qualquer parte do jogo, não somente nas peças das pontas. Ao longo dos dias foi ficando mais fácil, as regras mais simples de se compreender.

Quando vi, já não precisavam mais de minhas orientações, pois aqueles que haviam aprendido a jogar comigo, agora estavam ensinando aos seus colegas. E melhor, de forma calma, tranquila, sem gritar, respeitando o outro. Valeu a pena passar algum tempo com eles, dando atenção e carinho, e às vezes até colo.

Na escola C, observei uma turma de Pré- escola mista, com 16 crianças de idade entre 4, 5 e 6 anos. São poucos aqueles que ainda tinham 4 anos, a grande maioria já tinha 5 anos e alguns estavam completando 6 anos. É uma escola de Ensino Fundamental, e as crianças da Educação Infantil estão inseridas nessa rotina, tendo recreio de vinte minutos no pátio, com a supervisão de uma auxiliar de educação e uma funcionária da limpeza. O recreio só ocorre quando o tempo esta firme e não muito frio, pois a escola possui apenas espaço aberto, sem cobertura. Na imagem abaixo é possível observar o espaço externo da escola. A pracinha, ao lado a quadra e ao fundo da fotografia a escola.

O pátio da escola é pequeno, tem apenas uma pracinha com brinquedos sucateados pelo uso e pelo tempo, e uma quadra de esportes gasta, de piso áspero e sem marcações. Também tem uma calçada que os pequenos brincam que fica entre o prédio da escola e a quadra. É uma calçada estreita, porém comprida. Ali as crianças brincam de correr, de pega-pega, desenham com giz, de uma ponta a outra.



Não brincam com bola, nem corda, ou outros brinquedos, pois segundo a auxiliar, eles jogam na cabeça um do outro e acabam se machucando. Ela me disse:

*“Não dá pra dar brinquedo, jogam na cabeça um do outro. Bola é a mesma coisa! Ai só se machucam!”*

E a funcionária da limpeza que auxilia nos cuidados das crianças afirma:

*“Eles não sabem brincar sem brinquedo! Na minha época a gente brincava de cirandinha, de pegar o outro. Essas crianças de hoje nem sabem o que é isso. Essas aqui não!”*

Ao olhar o comportamento das senhoras que ali estavam para apenas cuidar das crianças, reparei que elas ficavam o tempo todo dizendo às crianças:

*“Não vão pra lá, é perigoso.”*

*“Desce daí, vai cair!”*

*“Para de gritar!”*

*“Na areia não é pra ir, vão se sujar, ta molhada!”*

*“Vai brincar, vai correr com teus colegas!”*

Acredito ser importante sim, o cuidado com as crianças, mas o educar também faz parte de Educação Infantil, andam juntos. Como ressalta Kramer (2003, p. 76):

[...] não é possível educar sem cuidar [...] Há atividades que uma criança pequena não faz sozinha [...]. Ou seja, há atividades de cuidado que são específicas da educação infantil, contudo, no processo de educação, em qualquer nível de ensino, cuidamos sempre do outro. Ou deveríamos cuidar! [...] já não será hora de assumir o educar, entendendo que abrange as duas dimensões?

Além da visível preocupação com o cuidar, quem sabe um tanto desmedida, não as vi brincando ou interagindo com as crianças. Talvez por que lhes falta conhecimento sobre o brincar. Falta-lhes o desejo de brincar com as crianças e se divertirem. Quem sabe, por que o papel delas no momento do recreio seja somente esse mesmo, tomar conta, cuidar para ninguém se machucar. Talvez ninguém lhes tenha dito que elas podem brincar com as crianças e participar das brincadeiras, caso fossem convidadas.

Decidi guardar meus ‘apetrechos’ de pesquisa e ir brincar com eles no recreio. Foi fantástico! Divertimo-nos, rimos, caímos nos levantamos, nos sujamos, voltamos suados para a sala de aula. E todos os dias eles me perguntavam se eu iria vir no outro dia também. Na última semana de minha pesquisa, solicitei a auxiliar que me desse algumas cordas. Ela prontamente me deu, e então fomos brincar. Eu e as crianças.

Descobri que eles não sabiam pular corda, ou pelo menos, grande parte das crianças. Melhor ainda, assim nos divertimos ainda mais. Aos poucos foram gostando da brincadeira, mesmo errando e não conseguindo dar mais que dois pulos em sequência. Nós não combinamos nada, apenas peguei a corda e duas meninas já vieram ao meu encontro, então começamos nós três mesmo. Quando vi tinham várias crianças ao nosso redor. Muitos pularam, se divertiram, riram, alguns ficaram chateados por não conseguirem, mas tentaram outras vezes, não se deixando abater.

Depois de alguns dias, vi que a auxiliar trouxe a corda, e as meninas logo foram se organizando para pular, como queriam pular entre duas ou três, pediram para a auxiliar segurar uma das pontas da corda, e ela aceitou. Torneou a corda para todos que queriam pular. Até a vi sorrindo!

Nas fotografias abaixo podemos ver uma dessas crianças pulando corda e sua alegria em conseguir pular mais vezes em seguida.



Assim passaram-se os nossos recreios. Os vinte minutos tornaram-se pouco para tanta diversão.

Durante a semana as crianças tem aula de língua inglesa, aula de informática, aula de artes, aula de movimento e expressão corporal, esta que acabava não ocorrendo, como me afirmou a professora titular da turma. E vão à biblioteca fazer a retirada de livros pra levar para casa.

Na aula de língua inglesa as crianças pintavam desenhos em folhas xerocadas. A professora tem formação nessa área, falava e cantava com eles em inglês. Nas aulas de informática jogavam e pintavam no computador. A professora

de artes também é formada na sua área, e leva desenhos impressos para as crianças colorirem. Em uma das aulas que presenciei, ela trouxe peixes para as crianças pintarem com cola colorida, ficaram bonitos bem coloridos. Mas me questiono, e se ela tivesse deixado às crianças desenharem, como seriam os peixes? Minha resposta logo veio, depois de colorir seu peixe, a menina foi desenhar no quadro, e qual foi minha surpresa, desenhou peixes. Mostro para vocês nas imagens a seguir.



Não ficaram lindos esses peixes? Ela fez até um castelo no fundo do aquário.

A turma brinca dentro da sala, principalmente nos dias frios. Gostam muito de peças para montar, ficam um período longo montando e desmontando criando e inventando. Construindo prédios, estradas, torres para ver quem consegue fazer a mais alta, animais, objetos como armas, que aliás é o que os meninos mais montam. As meninas também gostam, porém também brincam muito em uma casinha que tem na sala, com a estrutura feita com canos de p.v.c e coberta com t.n.t.

A professora também fez um circuito de materiais dentro da sala, com o próprio mobiliário disponível ali. Realiza brincadeiras como dança das cadeiras, morto-vivo, dentro-fora<sup>2</sup>. Faz roda para contação de história e cantar e realizar atividades de rotina, como chamada, calendário, ajudante do dia e fila de meninos e meninas ao saírem ou voltarem para a sala de aula.

<sup>2</sup> Mesmo estilo da brincadeira de “morto- vivo”. É desenhado um círculo no chão, quando a palavra dentro é dita as crianças pulam para dentro do círculo, quando se diz, fora, as crianças pulam para fora e assim segue, quem se atrapalhar sai da brincadeira até ficar uma criança somente que é a vencedora.

Assim concluo o relato de minha pesquisa de campo. Relatos estes muitas vezes doídos, chorosos, com muitos pesares frente às realidades vistas, mas em outros um tanto mais felizes, alegres, divertidos e até arteiros. Também são relatos de ausência de carinho, de atenção, de amor, de colo, de aconchego, de oportunidades, desejos e valores. Relatos estes que nos fazem parar para pensar na vida que levamos, em nossos verdadeiros sentimentos, nossos valores, nossa ética, nossa responsabilidade enquanto profissionais, mas também em relação a todos que nos rodeiam, e a realidade que vivemos e a que tanto desejamos.

## 5 UM MOMENTO “DOÍDO”: AS ENTREVISTAS



As entrevistas por escrito com as professoras, também fazia parte de meu cronograma para esta pesquisa de campo. Segue abaixo a relação de perguntas entregues a cada uma delas:

Tempo de atuação na Educação Infantil:

Formação/escolaridade:

- 1- Como você define brincadeira e brinquedo?
- 2- Como são organizados os tempos e espaços reservados ao brincar na Educação Infantil, em particular, na turma em que você atua?
- 3- Na sua opinião, que lugar ocupa o brincar no processo de desenvolvimento infantil?
- 4- Para você, qual o papel do professor na perspectiva lúdica de desenvolvimento do seu trabalho na Educação Infantil?

Pois bem, as entrevistas foram entregues. Avisei as profissionais que eu não citaria nome de escolas nem das professoras, que por sua vez teriam nomes fictícios. E que não utilizaria fotografias e vídeos onde elas apareciam, caso não obtivesse autorização. Talvez assim, elas se sentiram mais a vontade para escrever o que realmente pensavam e fazem ou o que gostariam de fazer, mudar em relação ao brincar livre na Educação Infantil.

Momento doído para minha pessoa, pois das 7 entrevistas que entreguei pessoalmente para as professoras, explicando para cada uma delas como seria, só retornaram 4. As únicas que não precisei insistir, e ficar indo nas escolas, perguntando se as profissionais já haviam respondido, foram a professora substituta da escola B, e a professora da Pré-escola da escola de Ensino Fundamental. Com as profissionais da escola A, também precisei ir mais de uma vez para conseguir pegar as entrevistas. Já as professoras da escola B, exceto a auxiliar que substituí a professora titular de umas das turmas, as outras não me retornaram, mesmo eu indo diversas vezes na instituição. Também na instituição B, não recebi retorno da autorização que solicitei para uso de fotografias e vídeos das crianças. Autorização entregue a coordenação da escola, que encaminharia a cada uma das professoras,

para que elas então solicitassem a cada família a autorização ou não, do uso desse material coletado por minha pessoa na pesquisa de campo. Devido a isso, não utilizarei fotos das crianças desta escola.



## 6 ANALISANDO OS DADOS COLETADOS: CONVERSANDO COM A SENHORA TEORIA



Ao ler e analisar as entrevistas das professoras foi possível notar que todas elas sabem o quanto o brincar é importante e necessário. O quanto ele faz parte do currículo da Educação Infantil. E por falar em currículo, consideremos o que Maria Carmen Silveira Barbosa (2009) escreve sobre esse assunto, para nos fazer refletir:

[...] o currículo acontece na participação das crianças nos processos educacionais, que envolvem os momentos de cuidado físico, a hora de contar e ouvir histórias, as brincadeiras no pátio ou na sala, a hora de cantar e de garatujar, ou seja, ele está continuamente em ação. O professor observa e compreende, na ação, o pensamento se configurando, e ele não se restringe a transmitir uma informação, mas propõe desafiar a criança a continuar pensando. Nesse currículo há lugar para a ludicidade, tempo para a construção de cultura.

Nas DCNEIs (2010), o currículo é entendido como:

Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, 2010. p. 12)

Ainda nas DCNEIs/DCNEB (2013, p.85) “as práticas educacionais organizadas em torno do conhecimento e em meio às relações sociais que se travam nos espaços institucionais, e que afetam a construção das identidades das crianças”. E como defende Oliveira (2010), como consultora sobre as orientações curriculares nacionais da Educação infantil, com este currículo busca-se “articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico da sociedade” através de práticas docentes bem “planejadas e permanentemente avaliadas que estruturam o cotidiano das instituições”. Práticas estas “articuladora das experiências e saberes das crianças e os conhecimentos que circulam na cultura mais ampla e que despertam o interesse das crianças”.

Ao currículo cabe propiciar um espaço de interação entre as crianças, sejam elas da mesma idade ou de idades diferentes, maiores ou menores, e também para aquelas que em determinados momentos preferem brincar sozinhas, onde também criam e desenvolvem seu conhecimento. Assim também vai se construindo vínculos com os professores. “O brincar é a oportunidade de a criança ser o que é”. Afirma Renata Meirelles em entrevista ao site Catraquinha. E nos diz mais:

Quanto mais você restringe esse brincar, com tutela, serviços, tecnologia, brinquedos elaborados, menos contato ela terá consigo mesma. A criança precisa desse espaço de ócio onde decide o que, como, quando e com quem quer brincar. Vemos crianças muito supervisionadas, sob o olhar do adulto (...) Dessa forma, a criança perde um espaço de liberdade e dessa escuta interna e essencial. (...) as crianças não estão precisando de mais falas externas, de tantos estímulos de mídia, tantas orientações sobre o que fazer, e desses conteúdos que chegam de fora para dentro. Ela mesma precisa responder questões básicas, como “o que quero fazer?”, “como posso fazer isso?”. Quanto mais ela tem a liberdade de escolher o que quer brincar, com quem quer brincar, onde quer brincar, mais acesso ela terá a quem ela é. Ou seja, no brincar, a criança se reconhece a partir de um desejo seu e de como ele se configura por meio das ações que ela realiza no mundo. O brincar é de todos, está em todos e se realiza na ação, no cantar junto, no correr e pular. Na alegria, na liberdade, na diversão. É dessa forma que se cria vínculo, empatia, autonomia. Todos são capazes disso, crianças e adultos.

Ainda que se tenha acesso e conhecimento a respeito desse currículo, proposto pelas DCNEIs, na prática cotidiana ainda é um tanto diferente. O que percebi em minha pesquisa foi a percepção de um currículo como uma grade obrigatória, com áreas de conhecimento, desenvolvimento, atividades relacionadas a datas comemorativas, rotinas e planejamento engessados. Onde o brincar esta perdendo sua potência, tempo e espaço.

As docentes entrevistadas relatam a importância do ato de brincar, como vemos nas palavras da professora Carla, que possui 15 anos de magistério e tem graduação em Pedagogia.

*“O brincar é essencial para que a criança amplie as suas vivências, construa a sua autonomia, pense e experimente situações novas ou do seu cotidiano. É através do brincar que a criança interage com objetos atribuindo significados à eles.”*

A professora Rosa afirma:

*“Acho que o brincar é essencial na vida de qualquer criança. É através do brincar que a criança manifesta sua criatividade; interage com objetos e com outras crianças; é um momento onde ela desenvolve a imaginação e a socialização; onde constrói autonomia e resolve conflitos surgidos durante a brincadeira. Quando a*

*criança brinca ela demonstra sua personalidade e o meio onde vive, demonstra também emoção, alegria, intensidade e liberdade. Além de habilidades e capacidades, tanto já construídas, quanto as que ainda precisam ser desenvolvidas”.*

Na sucessão de acontecimentos no dia a dia nas escolas que pesquisei, observei que o brincar ocorria quase sempre da mesma maneira. A rotina era no geral, fazer as atividades do projeto, ou do dia das mães nesse caso, e depois, as crianças poderiam brincar, na sala de aula, conforme o clima, ou de acordo com a rotina de cada instituição em relação aos horários de pátio e pracinha (algumas instituições possuíam horários pré determinados para cada uma das turmas irem na pracinha). Para irem em horários diferentes do que já estava estipulado, as professoras conversavam entre si e combinavam para irem com duas turmas ao mesmo tempo.

As crianças nesses momentos tinham a oportunidade de brincar com outras crianças de diferentes idades. Deixando cair por terra a teoria etapista de desenvolvimento infantil, onde acredita-se que os maiores podem machucar os menores, ou então que crianças de idades diferentes não sabem brincar juntas e várias outras coisas do tipo. Gostam de brincar juntos, se divertem, brincam de mamãe e filhinho, de casinha, de pega-pega, de balançar, escorregar, cuidam, ensinam e aprendem umas com as outras. Nas palavras de Oliveira (2011, p. 104) “A divisão dos grupos por idade não deve ser rígida [...] brincadeiras onde crianças de diferentes faixas etárias participem em certos momentos do dia são fundamentais”. Onde há espaço na rotina para que ocorra esse brincar livre e com crianças de diferentes idades, é possível notar “o quão humano são essas relações no brincar livre, que por um lado tem o mais velho, onde traz a possibilidade do vir a ser ao mais novo. Do outro tem o mais novo, proporcionando a possibilidade ao mais velho de cuidar, de zelar pelo mais novo”. (Sandra Eckschmidt- Do site Diálogos do Brincar). Para se ter essas vivências, é preciso primeiro, proporcionar momentos de integração entre turmas com crianças de idades diferentes.

As brincadeiras na pracinha são no primeiro momento, de correr por todo o espaço, gritar, sorrir alto, chamar os colegas preferidos para correr junto, para subir e descer dos brinquedos com velocidade e intensidade. A pracinha sem sombra de dúvidas foi o lugar que mais vi as crianças brincando, se divertindo, interagindo, socializando, tendo conflitos e tentando os resolver. Vi um pouco da vida que essas

crianças têm, em seus movimentos, em suas falas, reações frente às situações vivenciadas na escola. Vi sentimentos variados.

Observei crianças com muita dificuldade em compreender seus sentimentos, expressando-os de forma agressiva, violenta. O papel da escola é primordial para que essas crianças consigam aprender e compreender o que sentem. Essas crianças precisam se conhecer, para conseguirem ser mais tolerantes e respeitosas consigo mesmas e com os outros também. Aos poucos irão entender que “sentir raiva, se entristecer, se sentir solitário é algo que faz parte da natureza humana: todos podem sentir essas diversas emoções. É porém, fundamental que aprendam igualmente a conviver com essa multiplicidade de sentimentos e a superá-los em alguns momentos”. (site: toda criança pode aprender).

E aí entra um dos papéis fundamentais da escola, proporcionar momentos de lazer, de brincadeiras, de envolvimento, integração para que cada vez mais as crianças possam aprender e conseguir lidar com os próprios sentimentos, isso faz parte da formação e do desenvolvimento das crianças “permite que as crianças ampliem suas possibilidades de cooperar, de sentir empatia, de respeitar, de enfrentar desafios e conflitos, ter senso crítico e serem curiosas frente ao mundo”. (site: toda criança pode aprender).

Outro ponto que me chamou muito a atenção é a separação que há nas salas de aula de brinquedos de meninos e de meninas. Não havia como deixar de falar em meus relatos, desta separação. Observei que as crianças brincam juntas em brincadeiras ditas de “menino” e de “menina”. Mas em algumas das turmas observadas, é grande essa diferença de gênero. Em alguns momentos é possível notar isso até mesmo na fala de algumas professoras. Como da professora Laura, que há 15 anos trabalha na educação, com formação em gestão escolar, quando diz que no momento de brincar livre na sala, ela pega as caixas de brinquedo e dá para as crianças brincarem, uma vez que na sua sala, não há cantos temáticos para brincarem, apenas caixas grandes, com materiais/brinquedos dentro:

*“Eu pego a caixa de bonecas e de casinha e dou para as gurias. Elas se intertem assim. E a caixa de carrinhos e pista para os gurus. Brincam muito na sala.”*

Questionei se ela não os estimulava a brincar com outros materiais e brinquedos, e ela me disse:

*“É assim que gostam de brincar. Eu não digo que os gurus não podem brincar de casinha, e que as gurias não podem brincar de carrinho. Eles gostam assim.”*

Kishimoto (2005, p.12) relembra os princípios políticos, onde cita a criança como cidadã de direitos. Direito a todo e qualquer brinquedo ou brincadeira, de meninos ou de meninas, sem fazer distinção. Bem como, sem distinção de classes sociais, cor da pele, traço físico ou diferença. “Meninos e meninas devem brincar com todos os tipos de brinquedos: carrinhos, bonecas, super-heróis, sem a separação de brinquedos de meninos e de meninas”. (Kishimoto, 2005, p.14).

É importante não separar as brincadeiras por gênero, mas sim, valorizar o brincar sem gênero. Não é preciso estimular os estereótipos, a mídia, moda, música, publicidade já fazem isso. Na escola, temos que mostrar às crianças o quão rica é nossa cultura do brincar. O quão brincar é divertido e prazeroso. E quantas brincadeiras podem ser brincadas.

Horn (2012, p.43), “não se trata de ‘ensinar como brincar’, mas de favorecer a imaginação e o raciocínio propiciando o exercício da função representativa, da cognição como um todo”. Quando as crianças brincam livremente conseguem expressar seus desejos, demonstram seus sentimentos, vontades, levantam hipóteses.

Através do brincar a criança tem a oportunidade de exercer a atividade mental reflexiva que contribui para o raciocínio lógico. Para o professor que percebe a importância da brincadeira enquanto situação de aprendizagem, esse é um momento propício para compreender a criança na condição de sujeitos em processo de constituição, pois lhe fornece elementos de sua vida afetiva, intelectual e social. (HORN, 2012, p.43).

Na Educação Infantil, tudo depende da concepção que se tem a respeito de criança. O brincar, brinquedos e brincadeiras fazem parte desse dia a dia das crianças. Kishimoto (1997, p.1) ressalta:

Pelas brincadeiras, a criança socializa-se, integra-se em diferentes grupos sociais, aprende a explorar, compreende seu ambiente, desenvolve diferentes formas de linguagem e mantém a saúde mental e física. Privilegia-se uma proposta de educação que valorize a ação da criança, historicamente situada, em ambiente intencionalmente organizado para elevá-la à categoria de ator e mentor de suas ações.

Gosto dos termos “ator” e “mentor”, utilizados por Kishimoto para quando falamos das crianças, por acreditar que esse é o momento mais pulsante em que a criança se coloca como sujeito social sempre e em todos os lugares, na escola, em sua casa, na rua, na praça, no campo, na natureza. Ela é um “ser ativo”. Lydia

Hortélio no documentário Mitã (2013), nos mostra o quão importante é a vida, e que a única finalidade que se tem é a busca da felicidade. Precisamos mostrar a elas, às nossas crianças, que há muitas possibilidades de um “mundo novo”. Lydia fala no documentário que “Tem mais tesouro dentro do brincar do que a gente já chegou [...] a essência é grande”. Agostinho da Silva, que também fala neste vídeo diz que “os pais tinham que ser cada vez mais parecidos com as crianças, seus filhos e não as crianças parecidas com seus pais”, ele afirma que são as crianças que trazem o futuro, e que se nós, adultos, queremos continuar no futuro, temos que nos parecer com as crianças. Particularmente posso dizer que acredito estar me parecendo cada vez mais com as crianças, nesse sentido em que Agostinho se refere, em especial com minha filha, que me faz mais brincante todos os dias. Agradeço a ela por me ajudar tanto!

A criança tem naturalmente “uma postura de sim para a vida” (documentário Criança e Natureza), querendo sempre conhecer, aprender, construir, ela quer se “formar”. É preciso “nutrir a alma imaginativa” da criança, e instigar o “senso exploratório” que a criança possui. Como se faz isso? Bom, na minha opinião e de autores como Vygotsky (2007) e Winnicott (1971, 1975) tem que ser oferecido às crianças um espaço provocador de ações, e o que é mais interessante para as crianças do que deixá-las ao ar livre? Nas instituições de Educação Infantil em que estive, tem se espaço externo bom, agradável, com árvores, grama, flores, pedras, pedriscos, areia. Quando expomos as “crianças desde cedo à natureza, elas só tem a ganhar”. O período em que passam ao ar livre é um tempo de “investimento no bem estar” dela, da família e de todos que com ela convivem. Se ganha saúde, bem estar, concentração, intuição, imaginação. É importante para a formação da criança que ela tenha esse contato com a natureza para “poder se conectar com ela mesma e formar sua personalidade” (documentário Criança e Natureza) ter a vivência, a experiência com elementos naturais, orgânicos.

Esse contato com a “natureza forma crianças mais saudáveis e felizes” (Documentário Criança e Natureza), tendo grandes chances de se tornarem adultos mais conscientes, mais responsáveis e que talvez saibam cuidar mais e melhor do nosso planeta.

Ao serem questionadas a respeito do tempo e espaço que o brincar esta ocupando na Educação Infantil, dentro de suas práticas pedagógicas, em suas turmas, é possível observarmos, nas escritas das entrevistadas:

A professora Rosa afirma:

*“Tanto o espaço quanto o tempo que as crianças tem para brincar é organizado de forma que dê significado e comprometimento ao desenvolvimento de cada criança”.*

A professora Laura, diz:

*“O brincar faz parte da rotina da turma, na chegada as crianças são organizadas nas mesas para poderem junto com a professora brincarem com jogos de encaixe, construção e nestes momentos vou iniciando o aprendizado de regras de jogos de mesa como quebra- cabeça, memória, dominó. Acompanho-os sempre, mas tem os momentos que são de livre escolha, nestes observo e faço intervenções se necessário”.*

A profissional Julia, que esta há 9 anos trabalhando como auxiliar de Educação Infantil, e que esta cursando Pedagogia, escreve:

*“Após as rotinas e atividades, há um grande período reservado para a brincadeira, tanto na sala como no pátio”.*

Já a professora Carla, da escola de Ensino Fundamental, relata:

*“As crianças brincam livres na sala com os brinquedos, jogos pedagógicos e peças de montar. Brincam na pracinha. Realizamos brincadeiras dirigidas na sala de aula e no pátio. Utilizamos objetos, brinquedos variados disponíveis na escola”.*

Nota-se na escrita das professoras que todas deixam e possibilitam o brincar. O brincar acontece em determinados momentos, na maioria das vezes em momentos menos nobres do planejamento, ou seja, depois das atividades de rotina, em primeiro lugar e mais importante na ordem dos acontecimentos é fazer as atividades de rotina, do projeto, do planejamento como citam as profissionais. O brincar tem *“função pedagógica”*, como afirma uma das professoras. Ou *“após a rotina de atividades”* como escreve outra profissional. Como estas profissionais podem afirmar que o brincar é *“essencial”*, *“fundamental”* se na prática não é bem isso que se vê? Nem nas suas escritas não é possível identificar o brincar com tanta importância assim. Escrever que ele é imprescindível para o desenvolvimento da criança é uma coisa, mas fazê-lo ser imprescindível no cotidiano escolar é outra.

Sim as crianças estão brincando na Educação Infantil, mas qual o tempo disposto a esse brincar? Qual o espaço que as brincadeiras livres vêm ocupando no planejamento? Qual a potência desse brincar? Das profissionais entrevistadas nenhuma delas disse que gostaria de fazer melhor, ou modificar sua prática docente

para ampliar os espaços e momentos ocupados para a realização do brincar. Então isso quer dizer, que esta tudo certo com os momentos, tempos e espaços dispostos à brincadeira livre nessas escolas? Esta se tirando dos sujeitos mais importantes dessa história, um dos momentos mais saborosos do dia deles na escola. Com isso não estou afirmando que outros momentos não são importantes ou necessários dentro da escola. Nem tão pouco dizendo que a rotina é desnecessária, ou que um brincar pedagógico é irrelevante. Ao contrário, acredito que tudo isso deva caminhar junto em uma instituição de Educação Infantil que preze pela alegria e bem estar de suas crianças e profissionais.

Cadê aquele brincar solto, feliz, disposto, livre? Ele até acontece, mas somente em momentos pré-determinados, como quando estão na pracinha, onde as crianças até conseguem se organizar para brincar, mas ouvem o tempo todo das professoras frases como: *“Desce daí, assim vai cair”, “Não se balance de barriga, senta direito na balança”, “Escorrega direito guria, quer se machucar descendo assim?”, “Não fica de ponta cabeça, olha ainda vai acabar caindo assim!”, “Como que se escorrega aí? Senta direito!”* (Frases retiradas do diário de campo, em observação na pracinha). Mesmo brincando no pátio, na pracinha o que se vê ainda, é um brincar dirigido, pedagógico. “[...] a criança que quer brincar livre, ela não usa o escorregador, que foi posto ali, ao contrário, ela cria o seu próprio escorregador”. Palavras de Sandra Eckschmidt, nos “Diálogos do Brincar”, do site do Território do Brincar.

Sabe-se da importância do cuidar na Educação Infantil, e o quão as profissionais da escola são responsáveis pelo bem estar das crianças, mas será que este cuidar não esta prevalecendo sobre o brincar livre e espontâneo? O brincar “[...] é uma linguagem completa, ou a mais completa. Brincar é expressar todas as possibilidades de estar no mundo” (Documentário Caramba Carambola: O Brincar tá na escola).

O brincar é uma maneira de o sujeito social existir. De descobrir o mundo a sua volta “tocando nas coisas, ficando curioso com as coisas, sendo as coisas”. Então é importante e necessário aproveitar a diversidade de infância que se tem na escola, na turma, no grupo de crianças e experimentar as possibilidades do corpo, “[...] não se pode limitar o brincar, assim se esta limitando o conhecimento de si, do outro”. Brincar é fundamental, brincando se tem a possibilidade de sonhar e pensar ao mesmo tempo. “Por que quem pensa e sonha, se transforma, se reenergiza para



poder ver com clareza o mundo”. O brincar deve ser visto e experimentado como sendo um instrumento de ignição, propulsor da apropriação do conhecimento, ele é “um pedaço da cultura nas mãos da criança”. Como no Documentário Caramba Carambola: O brincar tá na escola, “Brincar é ser feliz, é entrar e sair do mundo da fantasia [...]”. “As crianças precisam ter respeitado o direito de ter infância, por que a infância não pode esperar pelas crianças do lado de fora da escola, é preciso permitir que o brincar se mostre”. Se mostre em qualquer ambiente na escola, seja na sala, no pátio, no gramado, na quadra, seja onde for, mas que seja verdadeiro, motivo de alegria, um momento aproveitado por todos que brincam e convivem com o brincar.

Por falar em aproveitar, vamos recordar? Você lembra como brincava quando era criança? Lembra qual sua brincadeira ou jogo preferido? Certamente você se recorda e guarda em sua memória algo relacionado ao brincar. Saudade, alegria, vontade de fazer de novo, ou talvez até faça nos dias de hoje, com seus filhos, crianças próximas, ou até com seus alunos.

Uma das perguntas que fiz às docentes, enquanto conversávamos foi se elas sabiam qual ou quais as brincadeiras ou jogos preferidos de seus alunos, de que mais gostavam de brincar. A maioria disse que gostavam muito de brincar com os brinquedos que trazem de casa, pois “(...) *são diferentes desses que tem na escola, aí chama mais atenção mesmo*” (fala de uma das professoras). Apenas uma das docentes revelou-me, que ainda não havia parado para observar isso realmente, mas com a minha chegada, acabou olhando mais para a sua turma, e reparou que estavam com um grande interesse por jogos. E ela ainda não tinha se dado por conta dessa preferência da maioria da turma. Fiquei feliz, por que assim pelo menos ela conseguiu notar o que eu já havia escrito em minhas anotações. Das preferências da turma e da dificuldade que tinham em jogar, pois ainda não haviam tido conhecimento das regras. A partir desse dia, observei que a professora começou a deixar os pequenos cada vez mais tempo com os jogos (de memória, quebra-cabeça, dominó, dama...). E passou-se a sentar com eles para explicar as regras. Passou a observar com mais atenção às crianças brincando dentro da sala de aula. E notei que quando ela se aproximava as crianças a convidavam para brincar, assim como faziam comigo.

Espero que esta professora continue a observar o brincar de suas crianças e a brincar com elas também. Segundo as DCNEIs, saber do que as crianças

preferem brincar, qual seu colega preferido, suas falas e diversos outros pontos, através do registro de sua prática, auxiliam o professor a reorganizar as atividades de maneira mais adequada ao alcance dos propósitos infantis. Lembremos que não somente as crianças são sujeitos de processo de aprendizagem, mas os educadores também. Um eterno aprendiz.

E na concepção de Winnicott (1971, 1975, p.79-80) "É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem na sua liberdade de criação", e ainda "é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu". E ainda refere-se ao brincar "[...] como uma experiência, sempre criativa, uma experiência na continuidade espaço tempo, uma forma básica de viver" (p. 75). Ou seja, que é preciso aprender a brincar para vivermos. Aprender com prazer.

Horn (2012, p. 28) salienta:

Portanto, a formação de professor capaz de jogar passa pela vivência de situações lúdicas e pela observação do brincar. Sem isso, o professor não se capacita a entender o significado e a extensão da brincadeira; logo, não sabe como conviver com ela em seu trabalho pedagógico. [...] Brincar e aprender ensinam ao professor, por meio de sua ação, observação e reflexão, incessantemente articulados, como e o que a criança sabe.

A partir disto, torna-se cada vez mais necessário que os professores de Educação Infantil prestem mais atenção, tenham um olhar mais aguçado ao brincar espontâneo de seus alunos. Que possui muita riqueza. Tirar dessas observações, hipóteses para a realização de novas propostas de trabalho, novas estratégias para proporcionar o brincar livre mais vezes.

Na escrita das docentes, elas afirmam:

*"O professor tem papel fundamental, sendo o mediador, o incentivador, aquele que instiga na busca e descoberta dos seus alunos". (Julia)*

*"O papel do professor é de mediador, no sentido de propor as brincadeiras, os espaços e tempos necessários, deve propor à criança desafios e situações que as façam refletir, buscar soluções e resolver problemas". (Carla)*

*"O professor deve ser o motivador, orientador, condutor, enfim aquele que sabe da importância que o educar/cuidar tem na 1ª infância. Nosso papel é muito importante tanto no cognitivo, como no afetivo. Desenvolver ou querer desenvolver*

*um trabalho na Educação Infantil sem levar o lúdico em conta é em vão pois as crianças são magia, fantasia, ludicidade”. (Laura)*

*“É de suma importância pois é o professor que norteia e é o mediador em todas e qualquer atividade realizada com as crianças. É muito importante que o professor tenha consciência da importância do lúdico na vida da criança, para assim conseguir desempenhar bem, com êxito, todo seu planejamento.” (Rosa)*

Na escrita das professoras, nota-se que todas falam de como o professor é importante, que ele é um mediador, motivador falam do lúdico, de cumprir planejamento, realizar atividades que façam as crianças pensar, se desafiarem entre outras. Mas a questão é se sabem de sua importância, de seu papel, o que esta faltando para colocarem em prática o lúdico, o desafiador e acrescento ainda, desafiador não só para as crianças, pois o professor também aprende com os pequenos, o que por sinal, nem foi citado na escrita das professoras. Onde está o lúdico tão citado nas entrevistas, e o professor que “instiga na busca e descoberta dos seus alunos”, conforme afirma a professora Julia. Por que é que eu não vi esse professor na pesquisa de campo? Não vi as professoras brincando com as crianças, não observei brincadeiras tradicionais, do nosso folclore, por exemplo, claro, não desmerecendo outras formas de brincar, apenas senti falta das brincadeiras antigas que tanto se fala no cultivar de nossas raízes, nossa cultura, que é na escola, na maioria das vezes, que as crianças terão acesso a esse tipo de brincadeira.

Vi profissionais cansadas, com pouca paciência, preocupadas com a rotina, os horários a serem cumpridos, com as atividades que serão expostas nas paredes da escola. Poucas foram aquelas que demonstravam interesse nos assuntos das crianças, na maioria, do breve período, em que eu estive nas escolas, observei a dificuldade de escuta das crianças, do que elas falam com palavras, com gestos, atitudes. Infelizmente estão deixando se perder momentos da infância dessas crianças, que não voltarão mais.

Os gestos dos adultos têm grande impacto na brincadeira criativa das crianças. A pouca riqueza nesses gestos acaba repercutindo no desenvolvimento das crianças. Sendo importante ocorrer mudança nesse contexto educativo, ressignificar o papel da escola bem como do educador, na perspectiva de valorizar ou dar ainda mais importância aos momentos, contextos, espaços, sujeitos envolvidos nesse processo.

Sandra Eckschmidt, fala no texto “O Brincar na Escola”, que:

[...] se a brincadeira livre, espontânea, se faz urgente com toda a sua potencialidade criativa dentro da escola, será necessário que a escola consiga flexibilizar sua estrutura para receber essa manifestação em sua inteireza. Essas mudanças exigem considerar aspectos bem práticos, como espaços, materiais e tempos diferenciados. Mas, antes de tudo, exigem educadores disponíveis à transformação de seu olhar para a criança. Um olhar que perceba a criança em sua expressão e que recolha o impulso pedagógico por alguns instantes. Mesmo que em um primeiro momento a mudança traga certo desconforto, aos poucos ela vai construir um educador que tem como fonte de pesquisa sua própria observação da brincadeira da criança, fonte de autonomia para sua conduta, utilizando a proposta pedagógica como apoio à sua experiência de vida. Essa autonomia, que deveria ser conquistada no percurso de nossa vida, traz a possibilidade de um ser humano livre. (ECKSCHMIDT, 2015, p.75)

Então sejamos esse “ser humano livre”, com disponibilidade à mudança, escutando o corpo, que em muitos momentos fala muito, mas sem dizer nenhuma palavra. Aprender pelo corpo brincante, sentir essa atividade interna. Ter um olhar sensível para com as crianças, possibilitar um brincar criativo, livre, percebendo o potencial que a brincadeira espontânea possui. Os gestos dos professores, dos adultos, a sim, pergunto: Quais são os gestos dos adultos? Quais são os gestos dos adultos que são dignos de serem imitados pelas crianças, visto que é isto também, o que elas fazem em momentos de brincadeira?

Para pensar, nos gestos e atitudes que se tem em frente a estes pequenos grandes seres, que ainda tem tanto a nos ensinar.

"Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas." Frase de Rubem Alves. Atrevo a modificar um pouco essa frase, digo que há professores que são como gaiolas, que limitam o imaginário de seus alunos, que os impedem de usar seu fio de curiosidade, que os deixam presos a realidade do cotidiano em que vivem. Professoras sejam “asas”, não pássaros engaiolados. Voem e encorajam a voar, vocês podem fazer isso, por que como diz Rubem Alves “o vôo já nasce dentro dos pássaros, não pode ser ensinado”.

E falando nesses senhores, trago mais uma frase, agora de Paulo Freire “Não se pode falar de educação sem amor”. Amor, isso mesmo, palavra tão pequena, mas com um enorme significado. É com esse sentimento que se pode fazer qualquer coisa, tudo o que se faz com amor, é melhor, mais saboroso, cheiroso, mais gratificante e valioso.

## 7 O FINAL. SÓ QUE NÃO

"Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música  
não começaria com partituras, notas e pautas.  
Ouviríamos juntos as melodias mais gostosas e lhe contaria  
sobre os instrumentos que fazem a música.  
Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me pediria  
que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas.  
Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas ferramentas  
para a produção da beleza musical. A experiência da beleza tem de vir antes".  
(Rubem Alves)

Se eu fosse ensinar uma criança à beleza de um momento de brincadeira, começaria dedilhando meus dedos nela, para que juntas ouvíssemos a melodia dos nossos risos risonhos! Deixaria ela me mostrar suas ferramentas para brincar.

O Curso de Especialização proporcionou-me um momento de reflexão, uma parada para pensar nas minhas vivências enquanto estava dentro de uma sala de aula, o que fazia com as crianças ou deixava de fazer, percebi que fazia muita coisa boa, mas também descobri com nossas discussões e com as leituras, que poderia ter tido atitudes melhores, ter proporcionado ainda mais momentos livres, mais materiais não estruturados, observado mais, brincado mais... Hoje, olho para minha filha e vejo o quanto ela também já foi beneficiada com o curso. Por que tudo o que aprendia no curso, testava com ela em casa. E ainda teve os dias em que precisei levá-la comigo. Quanta bagunça! E alegrias também! As aulas onde confeccionamos brinquedos de sucatas foi uma das mais interessantes, pois conforme íamos terminando ela já ia fazendo o teste de qualidade e durabilidade. Depois de tantas experiências, descobrimos mais um passa tempo, empinar pipa. Agora confeccionamos nossas próprias pipas.

Chego ao final de minha escrita, mas não de minhas vivências e pesquisas. Esse trabalho me trouxe diversos sentimentos, me trouxe ainda mais vontade de estar na educação, principalmente na Educação Infantil. Ainda tem muita coisa para estudar, pesquisar, buscar, viver, explorar. Chego ao final de minha pesquisa de campo, dizendo que muitas foram as minhas decepções, mas não posso deixar de pensar nas coisas boas que experienciei novamente, como o carinho das crianças, os olhos brilhando ao brincarmos juntos, as tranças que fiz no cabelo das meninas,

os cadarços que amarrei e junto, as conversas rápidas, mas não menos interessantes, a correria ao brincar de pega-pega, as brincadeiras de corda, o bem estar que me causaram estes pequenos seres, chamados de crianças. A vocês só tenho a dizer: Muito obrigado!

Em meio às observações e conversas com as professoras das instituições referentes à minha pesquisa, com minhas professoras orientadoras, com as leituras, entrevistas, textos e documentários, meu trabalho foi tomando forma, mas não a forma que eu queria, sentia minha escrita saindo do meu controle, indo para um lado que eu primeiramente não me sentia muito a vontade para escrever e falar. Pois bem, como não pude com ela, juntei-me a minha escrita, e percebi que talvez isso poderia fazer parte desse processo de pesquisa e escrita. Ser um pesquisador tem seus desafios, e aprendi com meu trabalho de campo, e minhas palavras uma ao lado da outra, linha após linha, que talvez tenha sido por um bom motivo que meu trabalho pendeu para um rumo que eu não esperava, ou pelo menos, para um caminho que me desafiou a buscar, a pesquisar ainda mais, ler ainda mais, escrever ainda mais. Fez-me pensar e repensar meus conceitos já pré-concebidos.

Foi assim, seguindo os contornos de minha pesquisa que fui escrevendo e vivendo quase que diariamente momentos em frente ao computador, digitando e deletando, delineando essa escrita que queria que fosse minha, com minhas expressões e peculiaridades, mas no fim vejo que foi mais uma escrita conjunta, sim, conjunta onde todos que passaram por minha pesquisa, tiveram participação também, em especial os pequenos sujeitos, que nunca ficam sem ideias e sem o desejo e disposição de brincar livremente, usando a roupa da criatividade e escrevendo na fantasia da vida as poesias que vivem todo dia.

Quando afirmo, quase não ter percebido a presença de nossa herança cultural no cotidiano escolar das turmas citadas na pesquisa, fico instigada a me questionar o motivo dessa ausência. O brincar também tem este papel, o de transmitir essa cultura, a experiência de uma pessoa à outra. Lydia Hortélio (Em entrevista à Revista Pátio) afirma: “Sonho com o tempo em que nós poderemos falar em integração nacional através da cultura da criança, de modo que os meninos passem a reconhecer os seus compatriotas através de uma cantiga que ambos conhecem”.

Conforme esta autora, no que se refere a cultura, através do brincar, do brincar “[...] necessariamente se transfere porque quando a criança aprende um

brinquedo, depois quer ensinar para outras. Elas gostam disso. Assim que funciona a cultura da infância, ela vai permeando tudo, se transferindo de um lado para outro.” (Lydia Hortélio, em entrevista à Revista Pátio). No site: Mapa do Brincar, a autora afirma: “A cultura da criança é a cultura da alma. Os meninos têm a alma na frente. Depois é que ela vai pra dentro. Vai botando pano, papel, livro em cima”. (Lydia Hortélio, em entrevista à Revista Pátio).

Talvez se a escola se inspirasse mais na cultura popular, na cultura da infância, se conheceria então, um novo momento. Momento este de conhecimento de sua própria cultura, “A educação do Brasil deveria caminhar por aí, não como um regionalismo, mas como algo muito mais profundo e digno de conhecimento. [...] O Brasil é para ser cantado e dançado. Se não cantar e dançar, não se sabe sobre o Brasil”. (Lydia Hortélio, em entrevista ao Instituto Tear).

Dito isto, afirmo que acredito que é necessário buscarmos nossa infância, resgatar a infância que ainda vive em nós, adultos, professores, educadores, precisamos “acertar o passo”, ressignificar o conceito de infância, de cultura, de brinquedo, de brincar espontâneo na sala ou no pátio, com materiais não estruturados, não limitar ainda mais as crianças com recreios, ou momentos de brincar livre, cada vez menores, em espaços cada vez mais limitados e artificiais.

Proporcionar um desenvolvimento integral das crianças perpassa em possibilitar o acesso ao “patrimônio material e simbólico da humanidade, bem como a produção de novos saberes e fazeres. Em um dos eixos do currículo da Educação Infantil, que esta descrito nas DCNEIs, se refere a proporcionar interação e conhecimento das crianças, através das diversas tradições culturais existentes em nosso País. Isso pressupõe oferecer tempo e espaço à experiência e à construção de sentidos pelos sujeitos” (Ana Carolina Arruda Leite, p.67),

Conforme continua a autora:

Sem experiência, a aprendizagem e a construção de sentidos ficam comprometidos, já que se aprende na medida em que as coisas são significativas para o sujeito. Ao brincar, a criança está imersa e entregue à experiência. Seu corpo, sentimentos e inteligência estão conectados à sua ação. Seu brincar dura o tempo da experiência, de sua conexão com o que está fazendo. O tempo de construir uma casinha, um desenho, um castelo é, assim, determinado por aquele que brinca, e não por alguém alheio à experiência, como o adulto que se mantém alheio ao fazer da criança ou o sinal da escola. O tempo do desenho é o guia da experiência e da brincadeira. É um tempo subjetivo, que faz com que a experiência seja algo intransferível. (2015, p.67 )

Talvez, o que esta precisando para que a escola se torne mais próxima da vida é se aproximar mais dos “espaços simbólicos da infância” (LEITE, 2015, p. 68), que são a rua, o pátio das casas ou de diferentes espaços externos, estar em contato com o meio ambiente, nos quais “[...] as crianças aprendem por meio do brincar livre, da relação com a natureza e da interação com crianças de idades diferentes” (LEITE, 2015, p. 68) Assim a escola seria um lugar potencialmente “prazeroso e interessante, pois acolheria as curiosidades e as descobertas de seus alunos, ampliando as fronteiras de conhecimentos e experiências por meio de diálogos entre territórios e sujeitos. A escola seria enfim, para a criança [...] grande e diversa como o mundo” (LEITE, 2015, p. 68-69).

Brincar com as crianças é fundamental, também para os professores, principalmente os de Educação Infantil. Pede uma postura de muita reflexão. Aos professores é indispensável a capacitação contínua, para trazer o lúdico para dentro de suas turmas e escolas. Os educadores carecem resgatar suas próprias memórias brinquedistas de infância “de resgatar o sentimento e lembrar como eles eram e o que sentiam quando viviam o momento que as crianças, seus alunos, estão vivendo agora. Todo mundo foi criança e teve essa vivência” assim fala Adriana Friedmann, em entrevista ao Diário do Grande ABC 3. E Tânia Fortuna (2008, p.15) também ressalta:

Brincando, reconhecemos o outro na sua diferença e na sua singularidade [...]. Não é à toa que justo a brincadeira, em tempos tão hostis, pode contribuir para trazer para a realidade a utopia de um mundo melhor [...]. Brincar é um meio de aprender a viver e de proclamar a vida. Um direito que deve ser assegurado a todos os cidadãos, ao longo da vida, enquanto restar dentro do homem a criança que ele foi um dia e enquanto a vida nele pulsar. Quem vive brinca”.

É desnecessário planejar tantas coisas, tantas atividades para fazer com ou para as crianças, lembremos que o planejamento deve ser flexível, “é um esboço mais amplo sobre a gestão do tempo, sobre a organização dos espaços, sobre a oferta de materiais [...]” como afirma Paulo Focci. Deve-se também “respeitar o tempo das crianças e sua participação ativa nesses momentos [...]” organizando “contextos favoráveis” para elas.



Observar, registrar, interpretar e projetar são elementos construtivos para a educação. Planejar a partir de evidências concretas, como é o caso aqui proposto, ajuda-nos a superar a naturalização das ações do cotidiano, pois permite interrogar-se sobre a realidade, assim como nos convoca a construir uma experiência educativa menos improvisada, mais consciente [...] Quando planejamos dessa maneira, podemos estar mais atentos às necessidades das crianças e o planejamento deixa de ser uma simples execução burocrática (FOCCI- Revista Pátio).

Pensando nestes “contextos favoráveis” é imprescindível abrir-se portas e janelas para a criatividade, para criar-se uma imensidão de possibilidades. Brincar é o compromisso das crianças. Cair, ralar o joelho, machucar um cotovelo, tropeçar enquanto corre e tirar uma ‘lasca’ do dedo, chorar e ouvir alguém consolar dizendo “quando casar sara!” como diziam e ainda dizem os adultos de hoje em dia. As crianças precisam conhecer e vivenciar essas e muitas outras situações nesse mundo. Vivenciar experiências com prazer, com ludicidade, motivadas a aprendizagem de forma encantadora, produzindo seus conhecimentos com prazer. Onde a intervenção do professor no brincar é feita de forma a desenvolver ainda mais suas capacidades.

Smole (2000, p.19) nos diz que:

[...] o professor deve participar junto com os alunos, pois ao fazer isso esta demonstrando prazer, o professor será encarado pelas crianças como um companheiro mais experimentado, além de servir como modelo para elas já que ele sabe como brincar.

A participação do professor ou de um adulto no jogo simbólico da criança é importante, tanto para o adulto, quanto para as crianças. O professor pode utilizar o brincar como um dos seus instrumentos, com intencionalidades e objetivos, para ser um brincar ainda mais estimulante, rico, essencial, vital. O professor precisa deixar a criança brincar. Esse é o seu principal papel. É escolher os materiais não estruturados para que ocorra um brincar espontâneo, são materiais simples, “[...] mas que a criança precisa usar da sua atividade interna para que aquilo (objeto) vire alguma coisa, se não, não é nada” (Sandra Eckschmidt, no site Diálogos do Brincar), e isso é escolha, é estudo, é observação por parte dele, pois “ao observar a criança brincando livremente ele começa a ter ideias do que ele pode fazer para facilitar esse ambiente [...] a interferência do educador é nesse sentido”. (Sandra Eckschmidt, no site Diálogos do Brincar).

E o educador pode estar incluído nessas experiências do brincar, ele pode ter dentro dele, as memórias de sua infância, talvez assim vá conseguir compreender certas atitudes das crianças nas brincadeiras, como aquela “arte” de riscar na parede, que talvez não seja “arte”, mas sim brincar. Renata Meireles, coordenadora do projeto de pesquisa Território do Brincar, afirma “O brincar simboliza o humano, é olhar para nós mesmos e a brincadeira faz isso! Olhar o espontâneo e toda sua potência”.

Com essa postura, o professor estimula, alimenta o desejo pelo brincar. Conforme Moyles defende:

[...] brincar livre inclui processo e modo e é dentro desse tipo de brincar que os professores devem procurar a aprendizagem real [...] Por meio do brincar livre subsequente e ampliado, as crianças provavelmente serão capazes de aumentar, enriquecer e manifestar sua aprendizagem. Quanto mais jovem a criança, mais provável que seja necessário o brincar mais exploratório. (MOYLES, 2002, p 33).

O brincar nasce da criança, do “impulso dela, é de dentro para fora” (Sandra Eckschmidt). É necessário aos professores de Educação infantil “perceber a inteireza com que a criança brinca. A criatividade e a atividade que existe na criança, a concentração”. Por que não se traz esse brincar livre, exploratório para dentro da escola? Talvez por que possa dar um desânimo tão grande e os professores acham que não vai dar certo, que é muito difícil, que não irão dar conta. Talvez é pelo fato de ser algo complicado, “trazer o brincar livre para dentro da escola, por que a gente vai ter que mexer nessa estrutura básica”. (Sandra Eckschmidt). As escolas em que foram realizadas as observações desta pesquisa estão organizadas de tal maneira, que fica difícil mesmo de ter o brincar espontâneo, de observar a inteireza das crianças ao brincar. “Precisa-se repensar esse espaço, esse lugar, esse tempo que a gente organizou”. (Sandra Eckschmidt).

Como diz Adriana Friedmann no Diálogos do Brincar, é “importante dar vez e voz e espaço para as crianças. Conhecer elas, e repensar o que os adultos propõem às crianças”. E completa “a gente precisa se alfabetizar nas linguagens das crianças, e escutar o silêncio delas, abrir espaço para que isso ocorra, escutando-as com cuidado, respeito, ética, criando vínculos”. (Adriana Friedmann).

Walter Benjamin (1984), em sua escrita há anos atrás, já entendia as crianças como sujeitos de suas vivências, que não viviam somente para imitar os adultos,

mas entendia que qualquer coisa, poderia vir a ser algo nas mãos e na imaginação delas.

[...] nada é mais adequado à criança do que irmanar em suas construções os materiais mais heterogêneos- pedras, plastilina, madeira, papel. [...] ninguém é mais casto em relação aos materiais do que crianças: um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou pedrinha reúnem na solidez, no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras. E ao imaginar para as crianças bonecas de bétula ou de palha, um berço de vime ou navio de estanho, os adultos estão na verdade interpretando a seu modo a sensibilidade infantil. (BENJAMIN, 1984, p. 92).

Deixemos, pois, as crianças brincarem livremente, e “garantir às crianças a plenitude de sua infância” (Walter Benjamin).

Assim, considerando as observações realizadas nas instituições de ensino deste município, acredito ser importante proporcionar aos profissionais não somente àqueles envolvidos nesta pesquisa, mas também a todos os demais profissionais da educação infantil, ainda mais formações continuadas e ainda mais adequadas ao currículo da educação Infantil, voltada aos saberes da experiência destes professores, promovendo trocas desses saberes, através de discussões a respeito da proposta pedagógica e da necessidade que se tem, em valorizar a cultura trazida de casa pela criança, brincando, recordando desses momentos de infância ou então criando novas memórias, utilizando essa diversidade de infância que se tem nas salas de aulas, a nossa cultura popular, o brincar popular, o brincar livre, espontâneo, criativo, no pátio, na natureza, com materiais não estruturados, naturais, orgânicos. Talvez assim possam-se quebrar os paradigmas desta distância que há entre a teoria e a prática. Quem sabe se sintam mais comprometidos com suas práticas e percebam a importância que possui seu trabalho.

Por fim, concluo esta pesquisa afirmando que para mim ainda cabem algumas reflexões e questionamentos que me instigam a continuar pesquisando e te pergunto você, ainda brinca?

## 8 LISTAGEM DAS FONTES CONSULTADAS: REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S. **Práticas cotidianas na educação infantil**: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília: Ministério da Educação, 2009.

BENJAMIN, W. **A criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BRASIL. **Constituição federal de 1988**. Disponível em: <<http://planalto.gov.br>>. Acesso em: 01/06/2015.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Disponível em: <<http://planalto.gov.br>>. Acesso em: 08/06/2015.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394>>. Acesso em: 08/04/2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer 20 CNE/2009**. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais gerais da educação básica**. Brasília: MEC/SEB/DICEI, 2013.

CARAMBA carambola: o brincar tá na escola. Produção: Paiol Filmes. Coordenadora do Projeto: Maria Lúcia Medeiros. 2013. (31 min 30 s). Disponível em: <<http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-noticia/678/caramba-carambola-o-brincar-ta-na-escola-e-na-plataforma.html>>. Acesso em: 04/04/2016.

CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. **Educação infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

CRIANÇA e natureza. Direção: David Reeks. Disponível em: <<https://vimeo.com/mariafarinhafilmes>>. Acesso em: 22/06/2016.

FERREIRA, C.; MISSE, C.; BONADIO, S. Brincar na educação infantil é coisa séria. **Akrópolis**, Umuarama, v. 12, n. 4, p. 222-223, out./dez. 2004.

FERREIRA, M. C. A pesquisa na universidade e a educação da criança pequena. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 67, nov. 1988.

FERREIRO, E. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 120p. v. 2.

FERREIRO, E. **O que as crianças podem aprender na educação infantil sobre leitura e escrita**. 2013. (08 min 27 s). Disponível em: <<http://novaescola.org.br/fundamental-1/emilia-ferreiro-criancas-podem-aprender-educacao-infantil-leitura-es-crita-744628.shtml>>. Acesso em: 23/06/2016.

FOCHI, P. Planejar para tornar visível a intenção educativa. **Revista Pátio**, n. 45, out. 2015. Disponível em: <<http://loja.grupoa.com.br/revistapatio/artigo/12083/planejar-para-tornar-visivel-a-intencao-educativa.aspx>>. Acesso em: 01/06/2016.

FORTUNA, T. R. A brincadeira na inclusão social. **Revista Pátio Educação Infantil**, ano VI, n. 16, p. 14-17, mar./jun. 2008.

FORTUNA, T. R. Kit básico de sobrevivência. **[Entrevista ao Mapa do Brincar do Jornal Folha de São Paulo, versão online]**. Disponível em: <<http://mapadobrinca.folha.com.br/mestres/taniafortuna/>>. Acesso em: 01/04/2016.

FORTUNA, T. R. O lugar do brincar na educação infantil. **Revista Pátio**, v. 27, p. 8-10, 2011.

FRIEDMANN, A. A importância de brincar. **[Entrevista ao Diário do Grande ABC 3, 2003]**. Disponível em: <<http://www.avisala.org.br/wp-content/uploads/2015/11/Di%C3%A1rio-na-Escola-A-import%C3%A2ncia-de-brincar.pdf>>. Acesso em: 11/04/2016.

FRIEDMANN, A. **O desenvolvimento da criança através do brincar**. São Paulo: Moderna, 2006. 143p.

GIRA, CIRANDINHA! Texto da Professora Karina Cabral. Disponível em: <<https://giracirandinha.wordpress.com/>>. Acesso em: 02/06/2016.

HORN, C. I. **Pedagogia do brincar**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

HORTÉLIO, L. Brincar é o último reduto de espontaneidade que a humanidade tem: entrevista com Lydia Hortélio. **Revista Pátio Educação Infantil**, ano I, n. 3, dez. 2003/mar. 2004.

HORTÉLIO, L. **Entrevista ao Instituto Tear Pontão de Cultura e Educação**. Disponível em: <<http://institutotear.org.br/lydia-hortelio-e-a-brincadeira-musicada/>>. Acesso em: 10/08/2016.

HORTÉLIO, L. **Entrevista ao Mapa do Brincar do Jornal Folha de São Paulo**. Disponível em: <<http://mapadobrinca.folha.com.br/mestres/lydiahortelio/>>. Acesso em: 10/08/2016.

KISHIMOTO, T. M. **Construir brinquedos e organizar espaços de brincadeiras como parte integrante do projeto pedagógico**. São Paulo: LABRIMP/FEUSP/FUND.ORSA, 1997.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. In: KISHIMOTO, T. M. (org.). **Jogo, brinquedo e brincadeira**. São Paulo: Cortez, 2005.

KRAMER, S. Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões. In: MACHADO, M. L. A. (org.). **Encontros & desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2003.

LUCKESI, C. C. **Revista Entreideias**: Educação, Cultura e Sociedade, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.portal.seer.ufba.br/index.php/entreideias/>>. Acesso em: 08/08/2016.

MEIRELLES, R. **Entrevista no blog**: desenvolvimento infantil, da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. jun. 2016. Disponível em: <<https://catraquinha.catracaalivre.com.br/geral/familia/indicacao/em-entrevista-renata-meirelles-fala-sobre-brincar-livre-silencio-e-contato-da-crianca-com-natureza/>>. Acesso em: 08/06/2016.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 17. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 6. ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 2005.

MITÃ. Produção: Espaço Imaginário. Direção: Alexandre Basso e Lia Mattos. 2013. (52 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com>>. Acesso em: 15/04/2016.

MOYLES, J. R. et al. **A excelência do brincar**: a importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais. Trad. Marca Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2006. 248p.

MOYLES, J. R. **Só brincar?**: o papel do brincar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OLIVEIRA, V. B. (org.). Introdução. In: **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Z. M. R. **Creches**: crianças, faz de conta e cia. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, Z. M. R. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Z. M. R. **O currículo na educação infantil**: o que propõem as novas diretrizes nacionais? Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=6674-o-curriculonaeducacaoinfantil&category\\_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6674-o-curriculonaeducacaoinfantil&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 04/04/2015.

SANTIN, S. **Educação física**: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. 3. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

SMOLE, K. S.; DINIZ, M. I.; CANDIDO, P. **Brincadeiras infantis nas aulas de matemática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TARJA branca: a revolução que faltava. Produção: Maria Farinha Filmes. Direção: Cacau Rhoden. 2014. (20 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com>>. Acesso em: 04/04/2016.

TERRITÓRIO do brincar. Produção: Instituto Alana, Maria Farinha Filmes e Ludus Vídeos e Cultura. Direção: Renata Meirelles e David Reeks. 2015. Disponível em: <<http://territoriodobrincar.com.br/videos/serie-infantil/>>. Acesso em: 08/05/2016.

TERRITÓRIO do brincar: diálogos com escolas. Correalização: Instituto Alana, Maria Farinha Filmes e Ludus Vídeos. Coord. do Projeto: David Reeks e Renata Meirelles. Coord. de Educação e Cultura da Infância do Instituto Alana: Ana Cláudia Arruda Leite. Escolas Parceiras do Projeto: Centro de Educação Infantil Alana, Colégio Oswald Andrade, Colégio Sidarta, Escola Casa Amarela, Escola Vera Cruz, Escola Viverde. 2015. Disponível em: <<http://territoriodobrincar.com.br/videos/documentario-territorio-do-brincar-dialogos-com-escolas/>>. Acesso em: 09/08/2016.

TODA CRIANÇA PODE APRENDER. Disponível em: <[www.todacriancapodeaprender.org.br/como-a-escola-pode-ajudar-a-aprender-sobre-sua-propria-emocao](http://www.todacriancapodeaprender.org.br/como-a-escola-pode-ajudar-a-aprender-sobre-sua-propria-emocao)>. Acesso em: 29/06/2016.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Manual de dissertações e teses da UFSM**: estrutura e apresentação. Santa Maria: Ed. UFSM, 2015.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1971/1975.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YIN, R. K. **Resenha livre**. Porto Alegre: Bookman, 2005.